

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
BACHARELADO EM URBANISMO

Érico Silva do Nascimento

TERRITÓRIOS E CIRCUITOS HOMOSSEXUAIS EM
SALVADOR: HÁ UM GUETO GAY?

Salvador
2007

ÉRICO SILVA DO NASCIMENTO

TERRITÓRIOS E CIRCUITOS HOMOSSEXUAIS EM
SALVADOR: HÁ UM GUETO GAY?

Trabalho apresentado ao Curso de Urbanismo, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo F R L Fernandez

Área de Concentração: Urbanismo

Salvador
2007

TERMO DE APROVAÇÃO

Érico Silva do Nascimento

Territórios e circuitos homossexuais em Salvador: há um gueto
gay?

Trabalho apresentado ao Curso de Urbanismo, como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Urbanismo.

Banca Examinadora

Oswaldo F R L Fernandez
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (Orientador)

Marco Luciano Messeder
Doutor em Sociologia e Antropologia pela Universite Lumiere Lyon 2, França

Maria Gabriela Hita
Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas

Para Camila Moraes Neves, João Barros do Nascimento e Ângelo Barroso, *in memoriam*.

Dedico este trabalho à minha mãe, Olímpia, ao meu irmão, Hebert (*Beto*), a Osvaldo, meu amigo, orientador e mestre, ao meu pai, Genivaldo, a meu tio Ozenildo e sua família e a todos os meus professores, quem sempre me incentivaram e tentaram me mostrar novas formas de ver o mundo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, pela graça de ter me dado uma vida tão rica e uma família tão especial.

Agradeço especialmente ao meu orientador, Osvaldo Fernandez, pela sua determinação, pela sua genialidade e por todas as horas em que se dispôs a ouvir minhas considerações e divagações ainda imaturas. Agradeço também pelas palavras de incentivo desde os primeiros momentos, quando este tema não passava de uma curiosidade, até os momentos finais, quando abdicou de horas de lazer e descanso para acompanhar a orientação, mostrando uma dedicação que só os verdadeiros mestres têm pelo seu ofício.

Aos professores Dr Edward MacRae e Dr Luiz Mott que abriram suas bibliotecas pessoais e forneceram diversas fontes de auxílio a este trabalho. Também agradeço a estes Professores pelo brilhantismo com o qual produziram estudos do campo da homossexualidade que se tornaram referência para estas e outras pesquisas. Ao professor Dr Júlio Simões, pelo incentivo e pelos momentos de discussão acerca dos temas de pesquisa em comum.

A todos os meus professores, em especial a Juan Pedro Moreno (pela sua compreensão e palavras de incentivo nos momentos difíceis), Cleide Magali (pelas leituras das minhas primeiras indagações de pesquisas acerca do tema e pelas inúmeras palavras de incentivo), Luiz Antonio de Souza e Olívia Beltrão (ambos pelas colaborações oferecidas durante os seminários de apresentação parcial da monografia). Ao professor Ney Castro, pela brilhante criação deste curso, que mudou a minha vida. A todos os professores com os quais pude estar durante estes anos de estudos, pela maestria como a qual me apresentaram as forma de apreensão da cidade e do urbano.

Como forma de homenagear a todos os colegas e amigos para toda a vida que encontrei neste curso e como forma de fugir do risco de esquecer alguém e ser injusto, agradeço a Laíla Ferreira pela sua amizade, carinho e companheirismo em todos estes anos.

Sou grato aos funcionários da biblioteca, do Departamento de Ciências Exatas e do Colegiado de Urbanismo agradeço o suporte e a viabilização desta árdua tarefa de observar o mundo ao nosso redor de maneira crítica e consciente.

Agradeço a todos os professores, pesquisadores, e colegas estagiários que passaram pelo NUGSEX DIADORIM e foram testemunhas do processo de pesquisa que deu suporte a esta monografia: Osvaldo Fernandez (o visionário também aqui), Marco Antônio, Vânia Bonfim, Evanildo Júnior, Joíse Rego, Sueli Santana, Camila Moraes (*in memoriam*), Vinícius Alves e Marcio Santana. Também aos professores e colegas do instigante e desafiador Grupo de Estudos de Masculinidades: Gabriela Hita e Mark Cravalho, Nádia Dias e Murilo Arruda.

Aos meus amigos, em especial Abigail e Leandro Vianna pelas incontáveis horas de apoio e carinho. A Léo também pela disposição em discutir, ouvir e ler acerca deste tema comigo. Pela sua companhia em momentos difíceis (tantas

perguntas!) e alegres (baralho, xadrez, videogame e música!), sempre com serenidade e equilíbrio. A Taís Carvalho, por ser a mulher mais amável, linda e companheira que conheci em toda minha vida e pelos seus olhos falantes, que sempre me dizem para ouvir meu coração. A Mariana Bittencourt, pela forma como abriu suas asas de anjo e amiga quando eu mais precisei. A Joíse Maria, pela força e inspiração desde antes de tudo isso se tornar possível: por ter me apresentado ao curso de Urbanismo, por ter me avisado que fui aprovado no vestibular (você é a responsável por isso!) e por ter sido testemunha e cúmplice em tantos momentos.

À Camila Moraes Neves, minha amiga que virou a estrela mais brilhante no céu, por tudo que me ensinou, por todos os momentos de companhia até na pesquisa e por ter me apresentado pessoas tão belas e especiais como Tia Marlene, Vítor, Iago e Valter.

Aos meus familiares, pelo carinho e suporte emocional em todos os momentos: minha avó Zorilda, minha tia e madrinha Norma, minhas primas e amigas Nívea (inspiração de caráter e vida) e Naiara (pelo companheirismo). A meus tios Ozenildo e Noeli, que fizeram por mim o que apenas pais podem fazer pelos seus filhos, por terem investido em minha formação desde a infância e por terem me dado duas das mais doces crianças que conheci na minha vida: Dionísia e Quésia. A todos outros familiares pelos doces momentos de aprendizado. Ao meu pai, Genivaldo, pela fibra e pela justeza com que encara a vida.

Ao meu companheiro, amigo especial, por todo o suporte emocional e pessoal nos momentos mais críticos. Que todas as estrelas continuem brilhando e ouvindo seus desejos mais silenciosos.

A minha mãe e meu irmão, minha família. Todas as conquistas que eu possa ter em minha vida é apenas o resultado do amor e da dedicação recebido de vocês desde sempre. Sempre serei grato pelo caráter e pelo crescimento que vivencio ao lado de vocês.

RESUMO

Esta monografia apresenta o resultado da pesquisa “Mapeamento dos territórios, manchas e circuitos homossexuais em Salvador”. O trabalho observa como, desde a década de sessenta até os dias atuais, emergido em Salvador uma subcultura urbana associada ao modo de vida homossexual (Barbosa da Silva), principalmente relacionada a guetos (Wirth; Levine), áreas de prostituição, espaços de lazeres e entretenimento, constituindo uma “região moral” (Park), um verdadeiro “mercado sexual” (Macrae, Perlongher) e serviços especializados para esse público. Partindo do conceito de territórios, (Perlongher) e circuitos (Magnani), é realizado um mapeamento dos locais e estabelecimentos freqüentados pelo público homossexual em Salvador (Mott). Nosso objetivo é observar e discutir a relação entre identidade “sócio-sexual” e os usos do espaço urbano, a partir de uma perspectiva de gênero, curso da vida e classe social. O objetivo específico é conhecer os circuitos de diferentes estilos de vida (Simmel; Wirth), buscando apreender os usos do espaço e os trajetos dessa população. O uso dos territórios e circuitos homossexuais parece variar segundo a discriminação, combinando orientação sexual com a perspectiva de gênero, a classe social e o curso da vida. A hipótese inicial é de que as mulheres homossexuais estariam mais propensas a utilizar espaços mais fechados (guetos) visando à segurança contra a discriminação e a violência, do que os homens, que estão ocupando maior número de espaços exclusivamente homossexual. A metodologia qualitativa reúne técnicas do campo da Antropologia e Sociologia Urbana. Utilizamos observação etnográfica, entrevistas abertas roteirizadas e gravadas, usos de imagens (mapas). Realizamos análise de conteúdo dessas entrevistas a partir de uma perspectiva de gênero e curso da vida.

Era a casa
Era luz
Eram pais e irmãos
Mas era só um lado do mundo
Era só esse que eu via
Era deus
Era igreja
Era culpa
Era dor
Mas era só um lado do mundo
O outro eu desconhecia

Era a ordem e a prova
Era o estudo e o uniforme
E o futuro
E o futuro...

Mas era tudo incompleto
E eu faço parte do mundo
Eu só cheguei a mim mesmo
Depois de ver

(Pedro Ponde)

Lista de Figuras

FIGURA 1: MAPA DO BECO	46
FIGURA 2: ORIGEM DOS JOGADORES DE VÔLEI DE DOMINGO NO PORTO	61
FIGURA 3: MAPA INTERNO DA OFF – TÉRREO	69
FIGURA 4: MAPA INTERNO DA OFF – 1º ANDAR	71
FIGURA 5: MANCHA CENTRO	86
FIGURA 6: MANCHA BARRA – GRAÇA	88
FIGURA 7: MANCHA ORLA	89

Sumário

Introdução	11
1. Metropolização da vida, cultura urbana e os estudos sobre a formação de comunidades homossexuais	13
1.1 A crise do patriarcado, identidade gay e masculinidades no mundo urbano desenvolvido	20
1.2 Os estudo sobre comunidades homossexuais no Brasil urbano	27
1.3 O sexo como mercadoria no espaço urbano	32
1.4 Salvador e o uso do espaço por homossexuais	35
2. Etapas da pesquisa e descrição da metodologia	36
3. Territórios e circuitos homossexuais em Salvador	42
3.1 O Centro	42
3.1.1 Pelourinho, Praça da Sé, Carlos Gomes e Avenida Sete	42
3.1.2 Dois de Julho e Barris	45
3.1.3 Campo Grande: história, cultura, os artistas e o Beco	46
3.1.4 O sexo e a prostituição nos espaços públicos do Centro	49
3.1.5 O lazer nos shoppings do Centro	52
3.1.6 Os cinemas e as saunas do Centro: a questão dos espaços fechados	53
3.2 A Barra e a Graça	57
3.2.1 A questão da moradia	57
3.2.2 O encontro das classes na praia do Porto da Barra e o circuito de jogadores de vôlei vindos da periferia	58
3.2.3 Prostituição, performance de gênero e classe	64
3.2.4 O circuito de jovens surfistas não assumidos	65
2.2.5 A Off Club	67
3.2.6 O mercado de lazer noturno na Barra	74
3.3 A Orla	75
3.3.1 A Praia dos Artistas e o Originally	75
3.3.2 A sauna e os territórios de prostituição na Orla	80
3.4 A dinâmica do mercado gay	82
4. É possível falar em gueto gay em Salvador?	84
5. Considerações Finais	90
Bibliografia	98

Introdução

Salvador é a terceira maior cidade do Brasil, com população estimada pelo IBGE em 2006 de cerca de 2.714.018. Ocupa uma área territorial de cerca de 707 km² e possui uma extensa orla, banhada pelo Oceano Atlântico e pelo mar da Baía de Todos os Santos. É a principal cidade do Nordeste do Brasil e berço de nascimento deste país. De origem colonial, sua economia é baseada no setor de serviços e o turismo tem uma atuação importante pela ligação com o patrimônio histórico e pelas belezas naturais. Desde a primeira metade do século XX a cidade vem sendo palco de transformações ligadas a obras de grande vulto, com o intuito de projetá-la para um futuro mais moderno e dar conta do crescimento da sua população¹.

Dada a evolução urbana das grandes cidades industrializadas tal como as que ocorreram em Salvador no século XX, surgem novas realidades a serem investigadas. A complexificação das relações sociais e a diversificação dos grupos e das respectivas redes de sociabilidade no âmbito do espaço urbano são algumas dessas novas realidades. Através de vasta literatura, já conhecemos o modo de vida urbano: é marcado pelo adensamento populacional, pela secundarização dos laços sociais, heterogeneidade e pelo anonimato². A rede de sociabilidade homossexual surge nesse contexto de heterogeneidade social e de desagregação familiar, como uma possibilidade de arranjo e organização da própria vida entre os indivíduos ligados a uma identidade homossexual.

O que não sabemos ainda é como os homossexuais desta cidade vivem e se deslocam em busca da satisfação das necessidades pessoais. Nosso problema de investigação consiste em descobrir como a vivência da homossexualidade condiciona o uso da cidade em Salvador. Por uso da cidade, entendemos a ocupação dos espaços tanto público como privados, os deslocamentos e a fixação residencial.

¹ Um bom panorama do crescimento e expansão da cidade de Salvador pode ser consultado em SAMPAIO (2000)

² Ver VELHO (1982)

Este trabalho investiga um estilo de vida comum nas grandes cidades – o estilo de vida homossexual - e a sua relação com o espaço urbano de uma cidade em particular. Nos interessa buscar aqui as especificidades deste modo de vida com o espaço de Salvador. Não nos interessa neste momento a discussão acerca de um certo tipo de habitar e modos específicos de comportamento que, tal como falado por Castells (1972), trata-se de uma utopia.

Algumas questões teóricas servem para orientar a nossa pesquisa e a principal delas é questionar a existência do “gueto homossexual” tal como descrito por Levine a partir do conceito proposto por Wirth. De acordo este autor, o gueto seria a área da cidade ocupada majoritariamente por uma população segregada, marcado por: isolamento, instituições comunitárias, concentração habitacional e área cultural. Torna-se uma interessante questão de pesquisa o modo como os diversos estabelecimentos segmentados para o público homossexual atraem freqüentadores e como a orientação sexual interfere na interação de um sujeito com o espaço urbano. Quais seriam os fatores que influenciariam na decisão de freqüentar um local segmentado? Basta ser homossexual para ter interesse nos serviços oferecidos? Onde estão localizados os serviços? Quais os trajetos percorridos até esses locais? De que forma a localização e distribuição destes serviços interfere na percepção e interação dos cidadãos? Quais as diferenças no comportamento de homens e mulheres homossexuais de diferentes classes sociais perante o espaço urbano? De que forma o espaço urbano pode ser útil para a consolidação dos direitos dos grupos sociais? É no sentido de esclarecer estas questões que este trabalho se realiza.

Uma hipótese já se delimitou no início da investigação: a de que as mulheres prefeririam os locais fechados por sofrerem mais discriminações. Também desde o início nos pareceu que a preferência por locais fechados era proporcional ao preconceito sofrido. Ou seja: onde há maior preconceito há maior preferência por locais fechados. Buscou-se observar também como se comportam os sujeitos que não assumem publicamente a própria condição homossexual.

1. Metropolização da vida, cultura urbana e os estudos sobre a formação de comunidades homossexuais nos EUA

De acordo com Simmel (1902), a migração da população do campo para a cidade em decorrência do crescimento da economia e do desenvolvimento econômico compreende aspectos como a secundarização dos laços sociais, perda dos laços familiares e a monetarização das relações sociais. Para este autor, a vida em cidades – fenômeno que ele chamou de “metropolização da vida” - exige cada vez mais especialização do homem urbano e esta especialização não é apenas técnica, mas também funcional. A vida dos indivíduos pode ser associada a uma rede de contatos e compromissos que precisam ser cumpridos. Também para Simmel os mais profundos problemas da vida moderna seriam derivados das tentativas dos indivíduos em preservarem a autonomia e a individualidade diante das forças sociais opressivas, da cultura externa e da herança histórica. O dinheiro e a economia monetária, com seu poder de reduzir todas as coisas a um equivalente geral seriam responsáveis por homogeneizar e racionalizar a convivência entre os indivíduos e reduzir as relações no meio urbano a trocas que envolvem de alguma forma o dinheiro. Esse impacto do modo de vida urbano na vida mental dos indivíduos explica a existência da atitude blasé, um estado refinado de personalidade, caracterizado pela frieza, distanciamento e espírito prático. O poder de discriminar, atitude puramente racional e ligada ao dinheiro, é algo tipicamente blasé. Simmel nos mostra que a atitude blasé é algo urbano e que a intelectualidade destes indivíduos metropolitanos também é altamente desenvolvida. O indivíduo metropolitano será blasé então, se tiver sua intelectualidade desenvolvida:

“A metrópole sempre foi o local da economia monetária. Nela, a multiplicidade e a concentração de trocas econômicas dão uma importância para os meios de trocas que a fragilidade do meio rural não suportaria, pois a economia monetária e o desenvolvimento intelectual estão intrinsecamente ligados. Dessa forma, a mente do homem moderno torna-se cada vez mais calculista.”.(Simmel, 1976, p 13)

Pode-se ver em Simmel que a vida urbana, além de transformações econômicas e espaciais, altera a vida mental dos indivíduos, levando-os a um estado que os tornam absolutamente racional. Suas relações estão na base do

impessoal e do mensurável. Dessa forma, os indivíduos estarão sempre sujeitos a diferenciações.

Para Weber (1921) a cidade moderna é o local do mercado. A partir de algumas formulações acerca da definição dos tipos de cidades, ele discute que a mais comum das definições refere-se a um estabelecimento compacto, onde existe uma continuidade de casas ocupando o espaço. É na cidade onde ocorre o intercambio regular de mercadorias e é nela onde se encontra a maior parte da população, que também satisfaz suas necessidades nas localidades dos arredores. Para Weber, as cidades necessitavam de um caráter comercial e, ao mesmo tempo em que é o local onde o mercado se desenvolve, as cidades precisam de um mercado vivo e consolidado para que a sua população possa satisfazer as suas necessidades mais imediatas. A estrutura da aglomeração urbana estaria completa e poderíamos chamá-la de cidade se contasse ainda com: a) uma fortificação; b) o mercado próprio; c) tribunal próprio e um direito ao menos parcialmente próprio; d) autonomia política e institucional.

O estudo da cidade na obra de Weber está inserido em um contexto um pouco mais amplo, cujo objetivo é o estudo da origem e do desenvolvimento do capitalismo. A cidade possui uma situação histórica estratégica: é o local socialmente moldado sob a ótica da economia capitalista. No ambiente da cidade capitalista moderna, a indústria e o comércio são a base da produção e reprodução do capital. Com a necessidade de numerosas massas de trabalhadores para sustentar este mercado, as cidades acabam atraindo para seus arredores massas de trabalhadores. O estabelecimento dessas massas em unidades territoriais acaba por torná-las cada vez mais densas. A cidade, como faz questão de frisar Weber, necessita também de conhecimento mútuo e isso faz com que os indivíduos estejam cada vez mais em interação entre si.

É interessante observar a importância que ele dá à densidade e à associação de vizinhança: para o autor, cidades seriam apenas aquelas localidades onde o conhecimento mútuo entre os moradores não fosse relativos a todos. Seria, neste caso, importante que as localidades fossem suficientemente grandes para que os moradores não se conhecessem todos entre si.

De acordo com Wirth (1938:90), a época moderna no Ocidente é marcada pelo crescimento das grandes cidades, com o estabelecimento de um modo de vida particular: o modo de vida urbano. O modo de vida do homem na idade moderna é marcado por fatores como a concentração em agregados gigantescos, pela irradiação de idéias e práticas “civilizadas” e pela aglomeração de centros menores em torno de um centro maior, que seria o responsável pela irradiação dessas idéias “civilizadas” – a chamada cultura urbana. Para este autor, a cidade é, além de local de moradia, o local de trabalho, e também centro iniciador, irradiador e controlador de vida econômica, política e cultural nas sociedades modernas. A indústria, ao se apropriar do espaço, constrói toda uma configuração espacial baseada nesta experiência capitalista voltada para o estabelecimento de um mercado de produtos e serviços. A características dessa configuração são uma oposição ao modo de vida rural que as sociedades humanas estariam acostumadas a viver no campo. A cidade e o mercado atrairiam cada vez mais população, adensando a ocupação do espaço urbano. Esse adensamento seria o responsável pelo surgimento de relações baseadas em interesses comuns e não mais em laços familiares.

Embora este não seja o ponto central deste seu texto, nos chama atenção quando o autor escreve que

“algumas características das cidades são mais expressivas do que outras no condicionamento da natureza da vida urbana, e podemos esperar que os fatores predominantes da cena urbano-social variem de acordo com o tamanho, a densidade e diferenças no tipo funcional das cidades.”
(Wirth, 1938, p 93)

Diante desta citação, podemos ver que além das similaridades espaciais comuns a todas as cidades, cada cidade teria um “espírito único” que a tornaria diversa das demais e serviria para torná-las únicas e exclusivas. Após algumas explicações acerca das características do que seria cidade, este autor busca definir, sociologicamente o que é “cidade”. Para ele, uma definição “sociologicamente significativa do que seja cidade procura selecionar aqueles elementos do urbanismo que a marcam como um modo distinto de vida dos agrupamentos humanos”. Dessa forma, ele relaciona a cidade com o status urbano, sem confundi-los. Após explicar sobre uma série de caracteres do que seria urbano, Wirth tenta definir,

sociologicamente, o que é cidade, relacionando densidade, tamanho do agregado e o seu já citado sistema de valores.

Avançando ainda nas idéias deste autor, Wirth nos fala acerca da personalidade urbana como similar àquela descrita por Simmel. A existência individual seria também, na visão de Wirth, marcada pela desorganização, pelo esgotamento nervoso, pela corrupção e pela desordem. Como reação a esta desordem a à falência dos laços de parentescos verdadeiros, nas cidades os laços sociais seriam forjados pelas relações baseadas no que o autor chama de “unidade de interesse”. Dessa forma, as cidades seriam decompostas como uma

“série de relações segmentarias tênues, sobrepostas a uma base territorial com um centro definido, com uma periferia definida, e a uma divisão do trabalho que transcende bastante a localidade contígua, e é universal em extensão”. (Wirth, 1938, p 100),

É claro que em espaços onde convivem e coabitam muitos grupos muito próximos, formados por pessoas de origens diversas surgem conflitos e contradições decorrentes dos múltiplos interesses em jogo. Para Robert Park (1916) a cidade é algo mais do que o amontoado de indivíduos e suas conveniências sociais. Segundo este autor, a cidade está muito mais ligada a um estado de espírito e a um corpo de costumes. Acerca do isolamento de certos grupos étnicos e de imigrantes estudados, Park, assim como Wirth, observa que algumas regiões isoladas da cidade servem para reforçar os laços de solidariedade entre os grupos quando há maior discriminação. No caso de áreas degradadas, surge a região moral como sendo a porção da cidade onde a moral se constitui de acordo com o interesse dos ocupantes, podendo ser diversa da moral instituída pela maioria da sociedade. A região moral não é o local de moradia. É, principalmente, o local de satisfação de necessidades de grupos marginalizados ou minoritários. Consiste na faixa localizada ao redor do centro mais antigo das cidades, geralmente degradado, desvalorizado pelo poder público, pelo capital imobiliário e mal tratado pelo tempo. Os seus habitantes e freqüentadores costumam seguir códigos de conduta não-ligados a moral institucionalizada e são tratados como marginais ou desviantes.

Quando se faz referência ao caráter segregador e ao conflito entre os grupos nos espaços, os conceitos mais apropriados são gueto, região moral e território. A

noção de gueto também é trazida por Wirth (1928). De acordo com este autor, os grupos minorizados segregam-se no espaço urbano, criando espaços de moradia e satisfação das necessidades de seus indivíduos. Esses espaços seriam os guetos. Inicialmente associado por Wirth aos agrupamentos judeus, o conceito de gueto passou a se referir à organização espacial dos gays no trabalho de Levine (1979).

Os guetos são, segundo Wirth, as regiões ocupadas pelas populações minorizadas das grandes cidades. É, no dizer deste autor, “uma forma de acomodação através da qual um grupo minoritário efetivamente é subordinado a um grupo dominante” (Wirth, 1928: 58). O gueto serve como uma forma de acomodação usada entre grupos em conflitos, através do qual um grupo minoritário consegue sobreviver diante da opressão sofrida diante de um grupo majoritário em áreas específicas das cidades. Na verdade, no gueto, é estabelecida uma relação de subordinação dos grupos minoritários em relação ao grupo majoritário. Essa relação de subordinação revela uma estratégia de integração por parte do grupo minoritário em uma sociedade mais abrangente. Isso pode ser afirmado na medida em que, enquanto não entra em choque com o grupo majoritário, o grupo minoritário encontra espaço para desenvolver a sua sociabilidade e afirmar sua identidade através da ocupação de espaços subjetivamente negociados. Em tese, a função do gueto é oferecer a integração comunitária do grupo à sociedade, garantindo condições de existência do grupo minoritário e dos seus costumes. As características básicas descritas por este autor para a formação de um gueto são a concentração residencial, a área de serviços institucionais, o isolamento e fechamento em relação ao grupo majoritário.

A concentração institucional indica a existência de áreas dentro do gueto onde as pessoas se encontram e desenvolvem um mercado de serviços específicos àquela população. A área cultural – ou área de costumes - indica a o território onde a cultura particular do grupo domina a paisagem através de símbolos e marcas que distinguem e identificam a região como uma área específica dentro da cidade. O isolamento social indica que a segregação da população do gueto é fruto da resistência ao preconceito da sociedade geral diante de práticas culturais distintas. A concentração residencial indica que dentro do gueto os moradores são, em sua

maioria, a população cujos atributos são discriminados. A região onde se concentram as habitações da população minoritária é o único local da cidade onde os membros do grupo majoritário se adaptam ao modo de vida do grupo minoritário.

De acordo com Wirth, o gueto tem um significado social muito forte pois indica que a cultura do grupo é mais forte que a localização geográfica do mesmo. A segregação em guetos é uma forma de resistência de um grupo a descaracterização cultural, através de é uma tentativa de construir no seio de uma sociedade marcada por características distintas a sua área de reconhecimento.

Em sentido semelhante parece ir o pensamento de LEZNOFF (1956). Ao observar os gays no espaço das grandes cidades, este autor observou a importância do que ele chamou de “comunidades homossexuais”. O isolamento psicológico dos homossexuais em relação à sociedade, sua dependência de outros “desviantes”³ para a satisfação das necessidades sexuais e auto-expressão levaria-os então a formarem grupos de apoio pessoal mútuo. Desse modo, a função primária dos grupos é que psicologicamente eles criam um contexto social dentro do qual o indivíduo pode encontrar aceitação como um homossexual e suporte coletivo para suas tendências. Para superar a ansiedade (e o pânico de não pertencer a um grupo majoritário) este encontra o suporte e a aceitação social principalmente no seu grupo, por ser o único contexto no qual a sua homossexualidade é normal. O envolvimento desenvolvido com o grupo então, cresce cada vez mais e o indivíduo tende a responder com aceitação às normas ditadas pelo mesmo e sujeitando-se aos padrões de comportamento. Uma função adicional do grupo e dos ambientes ligados à vida homossexual é favorecer a expressão da adesão aos valores homossexuais – na forma de caricaturas de comportamentos femininos e do falar incessantemente sobre sexo, como forma de auto-afirmação – e na formação de um mercado sexual.

As diferenças principais entre os homossexuais assumidos e os não assumidos estão nos distintos modos como os indivíduos lidam com a moral e os controles sociais da sexualidade, evitando ou enfrentando o preconceito. Para os “homossexuais ocultos”, o pânico de ser associado ao grupo homossexual é grande,

³ Este texto fora escrito na década de 1950. embora algumas palavras denotem uma visão da homossexualidade como um desvio, manteremos os termos utilizados pelos autores.

o que gera também hostilidade e serve para manter distancia social e distinções entre os grupos. Para os “homossexuais secretos”, a sociabilidade é desenvolvida em torno da rede de amizade de poucos homossexuais também secretos, e do encontro em locais onde a homossexualidade não seja pré-percebida, evitando-se assim, os ambientes de freqüência gay. Os grupos de homossexuais assumidos geralmente formam grupos socialmente fechados que se tornam, em muitos casos, o foco principal de suas vidas, ocupando o tempo livre com atividades ligadas ao grupo. A maior contribuição encontrada neste trabalho de Leznoff é o seu olhar acerca da criação de redes sociais baseadas na orientação sexual. Para este autor, a base espacial e os locais de encontro não eram temas a serem abordados.

Para nós, a discussão de LEVINE (1979) sobre o “gueto gay” serve para abordar a formação de redes sociais de homossexuais e as características da base territorial onde se desenvolvem essas relações, avançando nas idéias propostas por Leznoff. O autor Martin Levine tenta verificar a validade do termo “gueto gay” como uma construção social. A partir da definição clássica de gueto dada por Wirth, ele analisou comunidades homossexuais masculinas em algumas cidades dos Estados Unidos (Boston, Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles), para a partir daí validar o uso deste termo. Ele analisa cada ponto apontado por Wirth como importante para a formação de um gueto, tentando observar a validade da aplicação do termo às áreas urbanas com predomínio de gays. A primeira observação feita pelo autor é que Wirth teria transformado o termo gueto em um conceito útil ao estudo da ecologia urbana, pois o termo é um exemplo perfeito para a expressão da segregação ecológica no sentido de indicar espacialmente a extensão do isolamento social. A partir da análise de mapas, levantamentos em revistas e guias gays e inserção em campo, este autor tentou traçar a extensão dessa segregação nas cidades americanas estudadas. Apesar de estudar variadas comunidades no interior das cidades, nem todas apresentaram os requisitos necessários. A conclusão do autor foi que, apesar disso, essas comunidades não podem ser descaracterizadas como possíveis guetos em desenvolvimento. De acordo com o autor, é mais difícil para os homossexuais do que outros grupos, diante do preconceito formarem comunidades significativamente grandes e socialmente coesas. Geralmente, as comunidades homossexuais se formam nos centros das cidades e em áreas onde populações desviantes são aceitas, porém estas comunidades vivem em paralelo

com muitas populações marginalizadas. Embora a busca da segregação seja uma forma de adaptação ao preconceito, para alguns grupos o ambiente é mais hostil e violento para a expressão do modo de vida. De acordo com Bailey (1999), apesar das mudanças legais e legislativas feitas nos níveis nacionais e estaduais americanos, é nas cidades onde os movimentos homossexuais têm tido os maiores impactos políticos. Para os que não são gays e lésbicas, essas mudanças são mais aparentes na presença aberta de comunidades identificadas pela identidade sexual na paisagem urbana. O autor cita uma tendência até agora verificada principalmente em grandes cidades americanas: a migração da classe média para os subúrbios.

O que atrai os homossexuais, assim como muitos outros grupos, para as cidades se deve parcialmente às novas oportunidades que são criadas pelas mudanças na economia urbana. Também são atraídos por uma cultura mais tolerante com seus comportamentos. O autor analisa como uma política de identidade tem reconfigurado as políticas urbanas nas cidades americanas. Ele analisa as mudanças urbanas a partir de novas relações sociais, observadas sob ponto de vista cultural, comportamental, político e econômico. Suas conclusões se dão em dois níveis: o micro e o macro. No nível micro ele observa como as novas relações com o corpo e com a sexualidade têm justificado mudanças comportamentais nos indivíduos. No nível macro, o autor observa a força política dos grupos formados por esses novos indivíduos.

1.1 A crise do patriarcado, identidade gay e masculinidades no mundo urbano desenvolvido: Castells e Connell

Toda identidade é construída. A hipótese de Castells é de que quem constrói a identidade coletiva são, em grande medida, os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com estas se identificam ou dela se excluem. Para o autor, identidade é um processo de construção de significados com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. Para um indivíduo ou para um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. A multiplicidade é fonte de tensão na auto-representação e na ação social, pois é necessário estabelecer distinção entre a identidade e o que os sociólogos

chamam de papéis, que são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade.

Embora algumas autodefinições sejam coincidentes com o papel social do indivíduo, a identidade é uma fonte mais forte de significados para o ator do que os papéis, por causa do processo de autoconstrução e individuação que envolve. Para Castells, a questão pode ser sintetizada na fala de que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções. Para ele, significado é a identificação simbólica. Ele analisa três formas de identidade:

a) legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes no intuito de expandir e racionalizar a dominação em relação a atores sociais. Dá origem a uma sociedade civil⁴, a um conjunto de organizações e instituições, assim com também origina atores sociais organizados e estruturados que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural.

b) identidade de resistência: encontrada por atores que se encontram em posições/ situações desvalorizadas/ estigmatizadas pela lógica da dominação e que constroem assim uma trincheira de resistência e sobrevivência, geralmente com bases em princípios diferentes e ou opostos dos institucionalizados. O autor cita Calhoun, que usaria a mesma formulação para explicar o surgimento das políticas de identidade. Castells mostra que esse tipo de identidade levaria à formação de *comunas* e que esse é o tipo de identidade mais importante da nossa sociedade, por formar fontes de resistências coletivas diante da opressão. Um aspecto interessante disso é a ênfase que Castells dá a resistência ante a explicações opressoras baseadas em fatores históricos, biológicos ou geográficos, o que essencializaria uma resistência a uma opressão baseada, geralmente, em explicações essencialistas. O autor explica e exemplifica este fenômeno como “a exclusão dos que excluem pelos excluídos”. Esta posição é bastante interessante, pois, na verdade, ela acaba por legitimar ou explicar a formação de tribos, baseadas em identidades comunais.

⁴ De acordo com Gramsci, a sociedade civil é constituída de aparatos como igrejas e a escola, que prolongam a dinâmica do Estado e que estão arraigados na vida das pessoas.

c) identidades de projeto: quando os atores constroem uma nova identidade que redefine toda a sua posição na sociedade, a partir de todo e qualquer material cultural ao alcance. O objetivo é transformar toda a estrutura social, e isso acaba por produzir novos sujeitos, atores sociais e não indivíduos.

É possível que as identidades que começam como resistência terminem como projeto, ou tornem –se dominantes nas instituições, transformando-se em identidades legitimadoras. Se observarmos o que Connell, em “Masculinities”, fala sobre masculinidade, dominação e subordinação, esta proposição de Castells fica mais evidente.

Connell define masculinidades em termos de relações entre os gêneros (masculino e feminino) e entre as masculinidades (masculinidade hegemônica e masculinidade subordinada). Embora a identidade gay faça parte de uma constituição identitária não hegemônica em relação à masculinidade hegemônica (heterossexual), em relação às mulheres a masculinidade gay ainda se beneficia de alguns privilégios conferidos aos homens. Além disso, a masculinidade gay não é a única masculinidade subordinada. Entre homens heterossexuais, a performance de gênero se constitui de forma diferente em relação ao padrão hegemônico.

Para Castells, essa evolução entre as formas de identidade evidencia que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode constituir uma essência, e nenhuma delas encerra *per se*, valor progressista ou retrógrado se estiver fora do contexto histórico⁵. Para Connell, as identidades estão relacionadas a um contexto social e devem ser situadas historicamente.

A urbanização não faz desaparecer a noção de comunidade, embora alguns autores tratem desse tema com especial atenção, opondo o conceito de comunidade (rural) ao de sociedade (urbana). Na verdade, as redes sociais existem *entre pessoas, no espaço*. Para Castells, os movimentos urbanos são processo de mobilização social com finalidade preestabelecida, organizados em um determinado território e visando objetivos urbanos, me estariam mobilizados em torno de três metas principais – consumo coletivo e necessidades urbanas; afirmação da

⁵ As identidades aqui consideradas estão situadas no período definido por Giddens (CASTELLS 1996: 27) como “modernidade tardia”: o período da sociedade em rede.

identidade cultural local; conquista da autonomia política local e reconhecimento enquanto cidadãos.

Todas as sociedades contemporâneas têm como base o patriarcalismo, que se caracteriza pela autoridade, imposta e mantida institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar. Para que essa autoridade possa ser exercida, é necessário que o patriarcalismo permeie toda a organização da sociedade, da produção e do consumo à política, à legislação e à cultura. Os relacionamentos interpessoais, e conseqüentemente, a personalidade, também são marcados pela dominação e violência que têm origem na cultura e instituições do patriarcalismo. É essencial, porém, não esquecer o enraizamento do patriarcalismo na estrutura familiar e na reprodução biológica da espécie, contextualizados histórica e culturalmente. Se não existisse uma ordem familiar patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como dominação pura e acabaria esmagado pela revolta das mulheres, historicamente mantidas em posição de submissão e dependência.

O enfraquecimento do modelo familiar baseado na autoridade/ dominação contínua exercida pelo homem, como chefe do casal e sobre toda a família é chamado de crise da família patriarcal. É interessante notar como Castells não entra em acordo com a idéia de que a crise é do modelo masculino, mas sim do modelo patriarcal.

Segundo Castells, a partir da década de 90, podem ser encontrados indicadores da crise do patriarcado em quase todas as sociedades, principalmente nos países mais desenvolvidos. A dissolução dos lares, por meio do divórcio ou separação dos casais, constitui o primeiro indicador de insatisfação com um modelo familiar baseado no comprometimento duradouro de seus membros. Em segundo lugar, a crescente freqüência com que as crises matrimoniais se sucedem, assim como a dificuldade em compatibilizar casamento, trabalho e vida, associa-se a outras tendências importantes: o adiamento da formação de casais e a formação de relacionamentos sem casamento. O resultado dessas diferentes tendências, associadas a fatores demográficos, como envelhecimento da população e diferença da taxa de mortalidade entre os gêneros faz surgir uma variedade de estruturas domésticas, diluindo assim o predomínio do

modelo familiar clássico. Os lares de solteiros e os habitados por apenas um dos pais proliferam.

O patriarcalismo exige uma heterossexualidade compulsória, mas a instituição patriarcal, em função da manutenção da ordem e do Estado, encara sob perspectivas diferentes a homossexualidade masculina e a feminina. Para o sexo entre homens existiram instituições legítimas como em culturas antigas como a Grega, onde a iniciação sexual do efebo na Atenas do Período Arcaico era feita por um homem mais velho, ou o exército espartano. Atualmente, há uma invisibilidade nas práticas homoeróticas realizadas por homens no interior de instituições patriarcais como o exército e a Igreja Católica.

Para as mulheres, há uma violência institucionalizada, que anula as formas de expressão homoeróticas entre elas, como no caso da poetisa Safo, da Ilha de Lesbos, que foi jogada ao mar e teve toda a sua obra destruída, no mesmo Período Arcaico da Grécia Antiga que institucionalizava a interação sexual entre os homens.

Atualmente, é muito mais fácil para os homens homossexuais interagirem no espaço público do que as mulheres homossexuais, por conta da invisibilidade que a ordem social patriarcal impõe à sexualidade feminina. É interessante notar a violência que mais uma vez é feita com a sexualidade feminina: quando não encarada em termos de “carinho” e “amizade”, é colocado como um dos fetiches do homem heterossexual. Castells escreve que o lesbianismo é um componente do movimento feminista. Uma crítica pode ser feita relativo am esta expressão no sentido de que “lesbianismo” é a prática da homossexualidade entre as mulheres e não apenas uma opção teórica. O termo mais correto a ser utilizado deveria ser “movimento de lésbicas”.

Na opinião do autor, três fatores contribuíram para a luta do movimento gay na atualidade: 1 – O primeiro é um fator estrutural: a formação de uma economia informacional avançada nas grandes áreas metropolitanas fez surgir um mercado de trabalho diversificado e inovador e redes de negócios flexíveis criando oportunidades para todos os tipos de habilidades de forma que o comportamento individual não pode ser muito reprimido; 2 - a grande popularidade que o movimento homossexual tinha alcançado com décadas de lutas, junto com o movimento de mulheres

feministas e pela prevenção à AIDS; 3 – por fim, segundo o próprio Castells, a luta das lésbicas e dos gays induziu o sentimento de liberdade sexual. O autor conclui dizendo que não se pode afirmar que os dois tipos de homossexualidade, masculino e feminino, sejam preferências sexuais.

Do ponto de vista da liberação dos homossexuais masculinos, o autor narra como se formou e evoluiu uma “comunidade livre” no Oeste dos EUA. Desde o começo, São Francisco era ponto de passagem de todo tipo de pessoas de marinheiros, vigaristas, viajantes e exploradores a sonhadores. A conduta era menos rígida, a partir da Segunda Guerra por ser uma cidade portuária, muitos soldados se encontravam lá, longe de suas famílias e de suas origens acharam um espaço propício para a assunção da sua sexualidade naquela cidade. Então foi esse caráter libertário da cidade que permitiu a formação da maior comunidade gay de todos os tempos e isso atraiu pessoas de todos os lugares do mundo. Castells vai mostrando a luta dos homossexuais contra a tradicional sociedade patriarcal de italianos e irlandeses com o tempo essas lutas cada vez mais significativas vão ganhando forças a ponto de se constituírem como uma sociedade gay feita por gays e voltada para os gays. Muitos chegaram a política, outros se tornaram donos dos próprios negócios, e outros se engajam em lutas sociais contra a AIDS e formando grupos de apoio. A luta do movimento gay de São Francisco acabou por desestigmatizar a AIDS como uma peste gay, a ponto de reduzir o número de infecções entre os homossexuais, ao ponto que crescia entre os heterossexuais. Essa luta contra a desmistificação da AIDS foi uma das mais significativas lutas pra todo o mundo. O Brasil, ao utilizar o mesmo expediente de combate a infecção, acabou fortalecendo a organização dos grupos homossexuais e a diminuição dos casos de AIDS entre homossexuais, tal como ocorreu em São Francisco.

Os movimentos lésbico e gay não são simples movimentos em defesa do direito humano básico de escolher a quem e como amar. São também expressões poderosas de identidade sexual e, portanto, de liberação sexual. Estes movimentos desafiam algumas das estruturas milenares sobre as quais as sociedades foram historicamente construídas: repressão sexual e heterossexualidade compulsória. Tal como já foi dito no presente trabalho, baseado em Connell, trata-se de questões de justiça social.

Para Castells, surge, às portas da Era da Informação, uma crise de legitimidade que esvazia de sentido e de função as instituições da era industrial: o Estado perde suas bases políticas, desorganizando as bases da democracia liberal dos últimos dois séculos. As identidades legitimadoras secaram, dando espaço para a difusão das identidades de resistência na sociedade em rede. Porém, por serem individualizadas, acabam não sendo muito bem-vindas, fazendo com que ambas coexistam, mas em conflito, pois são mutuamente exclusivas. Isso faz com que as identidades de projeto apareçam como principal potencial de reestruturar o Estado, sendo desenvolvidas a partir das atuais identidades de resistência. Mas nem sempre isso acontece, podendo apenas a comunidade permanecer na condição defensiva, ainda sob a forma de tribos exclusivas.

Por todos os modos de identidade estudados em "O Poder da Identidade", pode-se ver que a lógica dominante na sociedade em rede lança seus próprios desafios, tanto como identidades de resistência quanto como de projetos, e o poder dentro dessa estrutura social está agora difundido na sociedade em rede, mas ele não desaparece. Os sujeitos principais da Era da Informação são os movimentos sociais que surgem a partir da resistência comunal contra a globalização, a reestruturação do capitalismo, a formação de redes organizacionais, o informacionismo desenfreado e patriarquismo, agindo de forma a transformar os códigos culturais.

Os agentes dão voz a esses projetos de identidade e devem ser mobilizadores de símbolos. Verifica-se a existência de dois principais agentes: o Profeta, personalidade simbólica que tem o papel de falar pelos rebeldes, que assim tem uma chance de vencer e dar à sua identidade parte nas lutas simbólicas. O outro agente é "uma forma de organização e intervenção descentralizada e integrada em rede", característica dos novos movimentos sociais. Pelo fato de termos um visão histórica de mudanças sociais fechada, nos perdemos com as mudanças simbólicas processadas por redes multiformes. É nesses "recônditos da sociedade", em redes múltiplas, que se nota a geração de uma nova sociedade, "germinada nos campos da história pelo poder da identidade".

1.2 Os estudo sobre comunidades homossexuais no Brasil urbano

Atualmente, cresce no Brasil e em alguns países do mundo ocidental, o número de estudos e pesquisas sobre os homossexuais. No Brasil, a fundação de núcleos de estudos sobre homossexuais e da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura ilustram o crescimento do interesse pelo tema. O interesse parece deslocar-se do âmbito da Medicina⁶ e do enfoque tendente à correção da homossexualidade, comum no início do século XX no Brasil, para o enfoque das ciências sociais. Desde os anos 50, começa-se a focar os homossexuais como um grupo social com características próprias, com linguagem e códigos específicos. Desloca-se o interesse para as ciências da Antropologia e Sociologia. Atualmente, a Abekh congrega pesquisadores de diversas áreas, com enfoques diversos do corretivo.⁷

Um dos primeiros estudos acerca da homossexualidade escrito no Brasil sob o enfoque das Ciências Sociais foi feito no início dos anos 1950, por José Fábio Barbosa da Silva. O trabalho pode ser considerado inovador por abordar a homossexualidade à luz das Ciências Sociais. Até a década de 1950, os estudos abordando a homossexualidade no Brasil pertenciam ao campo da medicina legal e da psiquiatria, sendo comum a classificação da homossexualidade como uma patologia ou desvio, portanto, algo passível de correção e medicalização.

A principal qualidade do trabalho de Barbosa da Silva é colocar os homossexuais como um grupo social específico, devido à heterogeneidade das metrópoles. O autor utilizava como apoio às suas idéias as teorias desenvolvidas por Wirth e Park, trabalhando com os conceitos de grupo minoritário e de segregação espacial. Outro ponto a ser destacado no estudo é a separação entre a identidade homossexual e a prática sexual. Grande parte dos homossexuais estudados por ele não se encaixavam no estereótipo do homossexual passivo e efeminado. Entre os homossexuais estudados, o autor analisou a performance de gênero e a classe

⁶ Ver trabalhos de Nina Rodrigues, no âmbito da medicina legal, que não só fazia comparações entre brancos e negros, como também entre homossexuais e heterossexuais.

⁷ É importante ressaltar que essa mudança está ligada não apenas a uma evolução da visão científica sobre a homossexualidade, mas também ao surgimento de organizações de defesa dos direitos dos homossexuais e ao envolvimento destes ativistas na atividade de pesquisa como sujeito pesquisador.

social e percebeu que o comportamento discreto estava relacionado à classe. Quanto mais ricos, mais dissimulados (ou discretos) eram os homossexuais. Isso se explicou pela necessidade de ascensão social e manutenção do status, que poderiam ser prejudicados por conta da homossexualidade do indivíduo. A forma de dissimular a ligação com o grupo homossexual era a organização de encontros e festas em locais fechados como em casas de amigos e conhecidos, evitando-se assim freqüentar bares e locais identificados com o público homossexual e ter visibilidade pública da sua condição sexual.

No início dos anos oitenta, MacRae (1982) observou a emergência de um comportamento mais explícito entre os homossexuais nas grandes cidades brasileiras, particularmente na cidade de São Paulo. Ele notou uma mudança no comportamento dos homossexuais, que deixavam de lado um comportamento velado, até a adoção de comportamentos mais abertos quanto à sexualidade, inclusive com expressão afetiva em locais públicos.

No contexto apresentado – o chamado “Brasil da abertura” –, o autor observou a importância de determinados espaços mais ou menos exclusivos para essas práticas. Nos ditos “guetos”, era possível estar e se expressar com naturalidade e ter contatos afetivos explícitos, sem que houvesse repressão por parte de outros freqüentadores. Para MacRae, essa maior aceitação estava mais ligada ao mundo do comércio, através da formação de um “mercado do sexo” ligado à identidade homossexual, já que boates e bares para homossexuais existiam há mais tempo, sem necessariamente indicarem a existência de um mercado específico. O autor observa que estes novos estabelecimentos obedecem a padrões de qualidade internacional e são assumidamente dirigidas ao público homossexual, algumas vezes até encorajando a afetividade e o erotismo entre os pares. O autor também observa uma tendência à concentração dos estabelecimentos em certas áreas das cidades. Para ele, o que motiva esta concentração é a busca por locais onde haja certeza de segurança contra ataques de bandidos e da polícia⁸.

⁸ O texto a que fazemos referência foi publicado em 1982, época em que ainda eram comuns no Brasil as batidas policiais nos locais gays, sendo comum a prisão dos seus freqüentadores que não apresentassem carteira de trabalho acusados de “vadiagem”.

MacRae observa que, ao lado de uma aparente afirmação da homossexualidade ou até mesmo explicando-a, estava a emergência de um estilo de vida que encontrava nos espaços exclusivos criados pelo mercado segmentado o *locus* próprio para a expressão pública da homoafetividade. Para o autor, havia um conjunto de dados que contribuíam para este estado de maior tranqüilidade e liberação do comportamento homossexual. Dentre os fatores, o autor cita o aparecimento do jornal O Lampião, que, com três anos de circulação contribuiu para aliar o entretenimento homossexual com a militância política. Também na esfera da arte e da cultura, o autor aponta a *performance* desafiadora e a androginia ostentada por artistas e o fato de cantores fazerem de sua sexualidade e experiências afetivas temas explícitos para seus shows e canções como um dado também sintomático da maior tolerância e do surgimento de um cenário menos refratário à homossexualidade. Ele citou também os novos arranjos familiares e as mudanças comportamentais criadas pela saída da mulher para o mercado de trabalho como fatos importantes para a criação de um ambiente mais diverso. Junto com esta conjuntura desafiadora dos padrões normativos da sexualidade tradicional, os locais onde o encontro entre indivíduos do mesmo sexo era possível ficavam cada vez mais explícitos e reconhecidos por estas práticas⁹. MacRae já notava diferenças nas homossexualidades masculina e feminina, que eram expressas nos espaços destinados às mulheres lésbicas: eram em menor número e menos visíveis. Ele usava dois fatores para explicar: o primeiro, ligado ao fator cultural, havia maior pressão para as mulheres não saírem as ruas sozinhas. O segundo fator era explicado pelo fator econômico causado pelo menor poder aquisitivo das mulheres que, dessa forma, constituiriam um mercado consumidor “menos atraente”. O autor apontou também uma tendência à segregação econômica e racial entre os homossexuais:

“Se formos examinar a situação nas grandes metrópoles brasileiras, veremos que aqui o aparecimento de espaços comerciais onde o comportamento homossexual é permitido tende, de fato, a segregar as pessoas em termos econômicos e, portanto, raciais” (MacRae, 1982, p 59)

Este panorama observado por MacRae, autor de vários trabalhos sobre a

⁹ Anteriores a estes sinais, já havia, nas décadas de 1950 e 1960, shows de travestis em casas específicas, muitas vezes apontadas como locais “exóticos” ou “casas de artistas”.

identidade homossexual e o surgimento dos movimentos homossexuais brasileiros, já indicou uma aliança entre a assunção identitária e a afirmação sexual através do consumo em São Paulo, um fenômeno que só veio se massificar no resto do País a partir dos anos 1990.

No ano de 2005 o antropólogo Júlio Simões voltou ao estudo de MacRae¹⁰, tentando atualizar a discussão sobre o gueto gay paulistano observado. O conceito de gueto adotado por Simões abrange as áreas públicas e privadas utilizadas por homossexuais. O propósito do trabalho deste autor é analisar a articulação política e social deste grupo, atualizando a discussão proposta por MacRae. Na verdade, o próprio Simões afirma que a concepção utilizada enfatiza mais a dimensão “política e cultural do gueto, de espaço público, do que propriamente um território delimitado por uma forma específica de ocupação e utilização” (SIMÕES: 2005: 310).

A partir desta noção particular, o autor nos leva a dois conceitos que parecem extremamente úteis: os conceitos de mancha e de circuito. Para ele, o gueto paulistano só será possível de ser delimitado a partir do acompanhamento dos deslocamentos dos sujeitos através dos locais de frequência homossexual, de acordo com os estilos de vida. Dessa forma, as categorias “manchas” e “circuitos”, definidos por Magnani (2001) seriam uma forma de dar conta da utilização espacial da cidade pelos homossexuais, abrangendo padrões de deslocamento e fixação residencial.

Para Magnani (2001:40), mancha “é uma região de estabelecimentos não contíguos, que guardam entre si uma relação de complementaridade pelas funções e serviços oferecidos”. Sob a denominação de manchas estão as áreas que englobam estabelecimentos e serviços que dão suporte a um estilo de vida e que se complementam ou, não raro, concorrem entre si pelo mesmo público. O fluxo de pessoas através dos territórios e manchas pode ser considerado como um “circuito” que “une espaços e equipamentos não contíguos na paisagem urbana, mas que são reconhecidos pelos seus freqüentadores” (Magnani 2001: 43).

A articulação entre o mercado e o gueto, tal como sugerida nos trabalhos de MacRae e de Simões fez emergir no início dos anos noventa um novo tipo de

¹⁰ “Em Defesa do Gueto”

comportamento no meio homossexual brasileiro, seguindo duas tendências: a primeira tendência, ligada à uma evolução do projeto de militância, que se atualizaria e procuraria legitimidade através da incursão em um modelo institucionalizado de atuação, combinando participação popular com ação pública de combate à desigualdade.

A segunda tendência está ligada à emergência de um estilo de vida moderno, que encontra no mercado de produtos segmentados e na mídia destinada às classes mais altas a sua via de expressão (novo modelo estético e de comportamento, como visto na série de tv *Queer as Folk*). É como se, no atual momento do capitalismo neoliberal, a homossexualidade se tornasse um padrão global de consumo. A segmentação de produtos seria apenas a ponta desse iceberg.

Um trabalho particularmente eficiente acerca do surgimento de um mercado específico para os homossexuais e o comportamento destes em relação ao consumo é proposto por Adriana Nunan, em seu livro “Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo”, 2003. Na obra, a autora faz uma extensa revisão bibliográfica acerca da construção da identidade homossexual à luz da psicologia, discutindo a construção do termo homossexual enquanto categoria histórica.

A partir do estudo de tópicos como o movimento homossexual, a identidade homossexual e a subcultura homossexual, Nunan cria um grande panorama acerca do tema da homossexualidade como introdução à sua pesquisa acerca dos padrões de consumo de homossexuais no Rio de Janeiro. Um dado interessante encontrado pela autora é que, mesmo com a publicidade direcionada ao grupo homossexual, muitos indivíduos preferem se apropriar de marcas que simbolizem status e distinção social, sem se preocuparem com a importância da ligação espontânea de certas marcas ao público minorizado. Ela percebeu a persistência de um padrão de consumo baseado nos estilos de classe social. Como padrão de consumo capitalista, a identidade gay “moderna” pode ser assumida apenas por quem pode pagar. Há uma especialização de locais, produtos e serviços destinados ao público homossexual, mas o que parece orientar esta especialização dos locais é a descoberta do poder de consumo dos grupos homossexuais e o reconhecimento de uma cultura urbana homossexual, ainda que de forma tímida.

1.3 O sexo como mercadoria no espaço urbano: a prostituição e a homossexualidade

No final dos anos oitenta, o antropólogo argentino Nestor Perlongher estudou a prostituição homossexual masculina na cidade de São Paulo. No seu estudo, o autor definiu áreas onde a atividade era mais freqüente e passou a entrevistar “michês”¹¹ e seus clientes. Para este autor o conceito básico de trabalho foi o de “território”. Inicialmente, ele fez uma revisão bibliográfica, também discutindo a possibilidade de uso do termo “gueto gay” para a cidade de São Paulo. Assim como Levine havia concluído em seu estudo das cidades americanas, Perlongher observou que o gueto se realizava em São Paulo apenas em alguns aspectos. No caso da cidade brasileira, assim como em algumas das cidades pesquisadas por Levine, a concentração residencial era esparsa. Na verdade, o que o autor percebeu foi uma espécie de “região moral” ocupada por desviantes, tal como descrita por Park. Nas regiões morais citadas por Perlongher, as populações encontradas eram as mais diversas entre marginais e homossexuais e o autor chegou a se referir às regiões como “Boca do Lixo”. Do trabalho deste autor podemos observar a força com que a territorialidade desviante delineia suas áreas no espaço da metrópole paulistana. O mesmo nos mostra que, no caso do Brasil, não era possível falar naquele momento em um gueto clássico como na sua concepção norte-americana, mas sim em áreas apropriadas por usos desviantes e definidas a partir dos costumes. A essas áreas ele chamou de “territórios marginais”.

Os territórios são unidades espaciais cujo enfoque e significado pode variar de acordo com a abordagem¹². Aqui, os territórios serão unidades espaciais totais, delimitadas geograficamente pela utilização a partir da prática cotidiana dos sujeitos. Para nós, a fala de Santos, reforça essa idéia: “É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social” (SANTOS, 1994: 15). Existem críticas a esta forma de se pensar o conceito de território, por conta da imprecisão na delimitação dos mesmos. Para alguns autores, um território é uma unidade espacial com autonomia política. Para nós, os territórios serão unidades espaciais

¹¹ No caso, a palavra está sendo usada para definir o indivíduo que oferece o sexo como mercadoria. Segundo Perlongher, a palavra também serve para designar a atividade em si e não apenas o indivíduo que a pratica.

¹² Para uma melhor discussão acerca do conceito de território, ver: BRITO, Cristóvão . Revisitando o conceito de território. RDE. Revista de desenvolvimento econômico, Salvador-BA, n. 6, p. 12-20, 2002

com autonomia espacial e significado cultural. O que nos importa é a localização das atividades e a sua concentração em áreas específicas da cidade. Para nós, uma rua, uma praia, uma avenida servem como exemplo de territórios, se forem constituídos enquanto unidades espaciais de especialização funcional a partir do uso cotidiano e concentração de atividades.

Um trabalho também interessante sobre a segregação sócio-espacial e a prostituição é o da arquiteta e urbanista Sarah Feldman (1989). A partir de estudos sobre a prostituição feminina em São Paulo, a autora passa a analisar a segregação espacial sofrida por esta população. Inicialmente, a autora nos mostra algumas confusões acerca dos termos relacionados ao conceito de “exclusão”, por exemplo “social”, “espacial” e “urbana”. Para ela, estes conceitos se confundem e se alternam para apontar diferentes condições de separação de atividades ou de grupos sociais no espaço. A autora critica a visão tradicional de teóricos ligados à Escola de Chicago, afirmando que segregação é apenas vista como uma estratégia de integração, através de uma visão naturalizadora e atemporal do processo (Feldman, 1989).

Para Feldman, a visão de teóricos ligados ao marxismo a partir da década de 1960 como Castells, Lojkin e Harvey também merece críticas, por apenas enxergarem o apenas o conflito e a exclusão nos processos segregatórios e negarem a estratégia de integração dos grupos minoritários. Para ela, vale ressaltar que entre os autores citados há o avanço de enxergarem a segregação espacial como um processo que adquire características específicas a cada conjuntura da dinâmica social. Para estes autores, segundo ela, a produção dos espaços é marcada por desigualdades e por conflitos de interesses. Porém, Feldman acha que a segregação espacial não é abordada em seus aspectos particulares, e sim como parte integrante dos processos mais gerais que determinam a produção e a apropriação dos meios de consumo coletivos e das habitações. As diferentes capacidades de consumo consubstanciarão, então, os processos de exclusão que se manifestam nas disparidades de condições urbanas nos bairros ocupados pelos diferentes grupos sociais. Para os grupos segregados, a ocupação é cada vez mais precária e à mercê de uma intervenção violenta.

Através de seu estudo, a autora vai observando a forma como a atividade da prostituição feminina se distribuiu no espaço da cidade ao longo do século XX: inicialmente ligadas às casas de tolerância e aos espaços dos judeus, em um segundo momento, a partir de 1950 até 1970, a prostituição começou a ocupar outras áreas da cidade, deixando de estar confinada e se especializando em função da classe social a que se destinava.

1.4 Salvador e o uso do espaço por homossexuais

Em Salvador, existem relatos da existência de práticas homossexuais desde a fundação da cidade, no século XVI. É interessante o trabalho do Dr Luiz Mott, que fala da existência de “sodomitas”¹³ em Salvador desde a chegada dos portugueses até a atualidade, documentando a memória homossexual baiana e brasileira.

No ano 2000 o antropólogo Luiz Mott publicou uma pesquisa na qual mapeava a extensão da “cena gay” em Salvador no final dos anos 1990 e oferecia subsídios para a prevenção da AIDS. Em seu estudo “A Cena Gay de Salvador em Tempos de AIDS” (2000), o autor definiu a “cena gay” como sendo:

“os espaços ao ar livre, logradouros urbanos e estabelecimentos comerciais que servem de nicho ecológico para sociabilização e encontros de variados graus entre homens com atração homossexual” (MOTT, 2000:13).

Mais adiante, o autor relaciona o conceito de “cena gay” ao de “gueto gay” (MOTT. 2000: 75). Embora esta não seja a discussão principal do trabalho que era o levantamento dos locais freqüentados por homossexuais na década de 1990, nos parece ainda apropriado voltar à discussão sobre o gueto. Como o próprio Mott definiu, “trata-se do conjunto de locais de encontros de homossexuais masculinos”. Como o ponto principal do trabalho citado era mapear as áreas e oferecer o suporte para trabalhos de prevenção à AIDS, não há problema na utilização do conceito. É uma apropriação política de um conceito histórico e amplamente difundido, embora não deixe de chamar a nossa atenção. De acordo com aquele estudo de Mott, a

¹³ O termo “homossexual” é uma construção política dos séculos XIX e XX. O termo “sodomita” é o verbete mais utilizado na história da homossexualidade para designar a do sexo entre homens. Para mais acerca do termo, ver MOTT (1990)

cena gay de Salvador contaria, em 1999-2000, com 9 bares e 3 boates, 7 saunas e 3 cinemas (2 pornográficos e 1 onde o sexo entre homens era comum). O autor listou também 12 ruas e monumentos históricos, além de 6 praias onde ocorreriam atividades ligadas à expressão da homossexualidade masculina.

Também sobre Salvador, Neuza Maria de Oliveira fez um estudo sobre as travestis que se prostituíam no Centro de Salvador desde os anos 1980. A autora observa que, na região Pelourinho-Praça da Sé, no final da década de 1980 e início da década de 1990, as travestis costumavam estabelecer moradia e ponto de prostituição. De acordo com Oliveira (1994: 104), a mistura de tipos e atividades marginais (tráfico e consumo de drogas, assaltos e prostituição feminina) gerou um ambiente onde a prostituição de travestis não fosse um problema moral maior. Vê-se que, tal como em Leznoff e Perlongher, a região moral é o palco onde os grupos homossexuais e as suas praticas convivem com desviantes.

Diante desta revisão conceitual, consideramos como categorias de análise mais apropriadas os termos territórios, circuitos, guetos e manchas, nas concepções de seus autores originais. De posse destes conceitos, vamos observar a validade da aplicação dos mesmos para o estudo da utilização do espaço urbano de Salvador por homossexuais no período 2004- 2007.

2. Etapas da pesquisa e descrição da metodologia

As etapas desta pesquisa consistiram em três momentos distintos. No primeiro momento, fez-se um estudo em torno de fontes secundárias como *websites*, livros, revistas, jornais de grande circulação e de jornais da comunidade homossexual sobre a existência de locais de uso exclusivo ou preferencial deste público em Salvador. Os usos dos locais aqui relacionados dizem respeito ao lazer, ao trabalho e a moradia de homossexuais. Esta etapa de levantamento foi contínua e durou desde o mês de outubro de 2004 ao mês de maio de 2007, tendo sido encontrados também materiais de épocas anteriores. Neste primeiro momento, algumas edições do “Guia Gay de Salvador”, editado pelo GGB – Grupo Gay da Bahia serviu como primeiro panorama da extensão do mercado homossexual de Salvador.

Também se convertem em poderosas fontes de informações os portais dedicados aos homossexuais. Passamos a consultar alguns deles, como “Mix Brasil”¹⁴, “GLS Planet”¹⁵, “Portal Marcellus”¹⁶ e “G Online”¹⁷, nas seções relacionadas a roteiros homossexuais de divertimento e lazer em Salvador. Foram encontrados, ao longo da pesquisa, seções de roteiros apenas nos sites Portal Marcellus e Mix Brasil. Embora este último seja o único a ainda manter esta seção, a mesma não é atualizada. Ressalta-se aqui que o único destes sites que tem origem em Salvador é o Portal Marcellus.

Os jornais de grande circulação pesquisados foram “A Tarde” e “Correio da Bahia”, em seus cadernos de cultura (Caderno 2 e Folha da Bahia, respectivamente). Quanto aos jornais de circulação dirigida ao público homossexual, em Salvador há apenas o “Homo Sapiens”, editado pelo Grupo Gay da Bahia.

As revistas pesquisadas são de dois tipos. No primeiro grupo estão as revistas dedicadas ao público homossexual: Sui Generis e G Magazine. Em outro grupo, incluem-se as revistas nacionais como Veja, Isto É e Época. Durante todo o levantamento buscou-se, de um lado, a menção a locais de frequência exclusiva ou

¹⁴ www.mixbrasil.com.br,

¹⁵ <www.glsplanet.com.br>

¹⁶ <www.portal.marcellus.com>

¹⁷ <www.gonline.com.br>

majoritária de homossexuais e, do outro, o contato com novas fontes secundárias para esta pesquisa a fim de se estabelecer um contorno das atividades relacionadas ao estilo de vida dos homossexuais na cidade de Salvador, nosso campo de pesquisa.

A partir do levantamento inicial nas fontes secundárias, pudemos criar um mapa primário relacionado à extensão da ocupação do espaço por sujeitos e práticas homossexuais. O mapa configurou três grandes áreas relacionadas com o lazer homossexual: no Centro, principalmente no Pelourinho, Carlos Gomes, Avenida Sete, Piedade, Campo Grande, Barris, Dois de Julho e Rua Leovigildo Filgueiras; na Barra, principalmente no Porto, Farol, Cristo e arredores da Avenida Oceânica, Avenida Centenário; e Boca do Rio. De posse deste mapa, chegou a hora de se passar a um segundo momento na realização do trabalho: a coleta de dados através de entrevistas em campo e a visita aos locais.

Nestas visitas iniciais, o objetivo era reconhecer no campo os sinais de uma ocupação homossexual, conhecer pessoas e seus comportamentos e tentar observar sinais na paisagem que pudessem evidenciar diferentes utilizações do espaço ligadas à identidade gay. Também era objetivo observar onde as pessoas tinham comportamentos mais explícitos com relação à própria sexualidade. Na medida do possível, os trajetos eram feitos à pé e mais de uma vez. Pelo menos cada local foi visitado duas vezes: uma no horário comercial comum, durante o dia, para observar a inserção desses locais na dimensão urbana mais comum e cotidiana. As outras visitas eram feitas durante o horário de funcionamento dos serviços ligados à vida gay. No caso de bares e boates, durante à noite, nos finais de semana e, no caso das barracas de praia, aos domingos¹⁸. Até a sede do GGB serviu como ponto de encontro com pessoas que puderam fornecer mais endereços de locais.

Como método de coleta de dados primários - entrevistas - usamos a inserção no campo através da observação participante. Através desta técnica, este pesquisador pode se inserir no campo e pode se fazer passar por sujeito, sem o conhecimento dos observados acerca desta condição. A escolha por esta forma de

¹⁸ Entre outubro de 2003 e maio de 2007 procurou-se estar em campo cerca de três ou quatro vezes por semana. Dessa forma, cada local foi visitado pelo menos uma ou duas vezes por mês neste período.

inserção no campo foi justificada pelo fato de, por se tratar de uma observação de cenas da vida de pessoas e grupos, a simples menção a um pesquisador poderia causar estranhamento e, não raro, alterar as performances e a sonegação de informações. Esse quadro e estas escolhas levaram a um tipo de entrevista não sistemática e aberta. Em campo, tentava-se sempre estabelecer conversas com as pessoas encontradas nestes locais e estas se iniciavam com conversar informais com donos de estabelecimentos, freqüentadores, trabalhadores dos locais e profissionais do sexo. Inicialmente, os entrevistados foram divididos entre os assumidos e os não assumidos. Para a pesquisa, era interessante observar a performance dos sujeitos de acordo com o grau de assunção da própria sexualidade.

Algumas dessas conversas evoluíram para contatos posteriores e, muitas delas ofereceram pistas para novos locais e serviram de entrada em algumas redes de homossexuais, principalmente os que se encontram em casas de amigos e não nos locais públicos. Estes grupos de homossexuais se formam geralmente de pessoas não assumidas, que, pelo que já indicavam os primeiros discursos, se comportam de forma diferenciada em relação aos assumidos.

Depois de esboçadas os primeiros contatos e levantamento dos primeiros locais de freqüência majoritariamente homossexual, traçou-se um novo mapa a fim de verificar a configuração dos deslocamentos entre os locais. Dessa forma, começaram a ser visualizadas graficamente as principais áreas de freqüência homossexual e a relação entre os locais a partir dos trajetos dos entrevistados. A partir deste mapa, alguns trajetos foram definidos e percorridos em vários momentos ao longo da pesquisa. Nestas incursões ao campo, recolheu-se esse tipo de informação:

- Qual o número de pessoas que encontro neste local agora?
- Qual a aparência das pessoas?
- Como elas se comportam aqui? Há padrões de comportamento e regularidades comuns a outras áreas da cidade?

Depois da aproximação de amigos, conhecidos ou pessoas encontradas em campo, novas questões passam a orientar a observação:

- o gênero, a raça e a classe dos indivíduos e os circuitos percorridos.
- qual o nível social que posso? Essa pessoa é assumida? Ela está disposta a aumentar a conversar? Ela poderia me apresentar alguém interessante que fornecesse mais dados acerca do comportamento aqui?
- como essas pessoas chegam? De onde vêm (do trabalho, de casa, de outro lugar de lazer)? Para onde vão?

Depois dessas entrevistas em locais mais comuns e com informantes mais fáceis de encontrar, um dos principais problemas relacionados à pesquisa com populações segregadas começaram a surgir. Para a realização da pesquisa, seria crucial entrevistar usuários de saunas e freqüentadores dos circuitos de sexo anônimo, uma população ainda mais invisível, por se tratar de uma atividade de cunho tão íntimo, pessoal e arriscado. A solução foi, durante as entrevistas, perguntar às pessoas sobre praticas sexuais em locais públicos como banheiros de shoppings e parques e sobre sexo anônimo. Foi surpreendente observar que, na intimidade, muitas pessoas conhecem praticantes, embora a maioria não assuma sê-lo. Como os relatos sempre ficavam em torno de outros personagens, a inserção neste campo também teve que ser feita.

A integração deste pesquisador foi mais fácil em alguns destes locais do que em outros, embora os maiores problemas estejam relacionados com subgrupos ligados ao sexo anônimo e à prostituição. Pelo caráter marginal e fortuito que caracteriza estas atividades, muitas vezes foi impossível contatar indivíduos nos territórios. Para contornar esta situação, alguns entrevistados foram questionados sobre a possibilidade de indicarem conhecidos para a pesquisa. Também foram contatados entrevistados em fóruns e *sites* de discussões na Internet.

Depois da inserção no campo e da revisão bibliográfica, dados como a origem e o destino das pessoas contatadas e o tipo de local freqüentado segundo a classe, o gênero, a raça e a idade foram catalogados, analisados e as manchas começaram a tomar corpo. Pudemos ver que, a partir da performance de gênero, da classe social, da etnia e do gênero dos indivíduos além do seu grau de assunção, algumas regularidades de freqüência a certos locais indicavam a formação de áreas específicas para estilos de vida diferentes. Procuramos regularidades também nos

horários de frequência e nos padrões de deslocamentos entre o local e a moradia do entrevistado.

A partir das observações das regularidades descritas anteriormente, as manchas puderam ser delineadas. Neste momento, a pesquisa passou a uma etapa de definição de contornos mais precisos e levantamento de atividades desenvolvidas nos estabelecimentos.

É importante ressaltar que foram contatadas pelo menos duas ou três pessoas em cada local pesquisado, servindo para buscar informações gerais sobre os locais, os freqüentadores dos mesmos e as regularidades de comportamentos. Alguns entrevistados se mais úteis para esta pesquisa por fazerem partes de grupos maiores ou serem usuários freqüentes dos locais: estes eram os informantes chaves. Alguns, por se mostraram receptivos às conversas e, em alguns casos, quando era revelado o status de pesquisador, não se negavam a fornecer informações ou contatos com outros freqüentadores dos locais, foram acompanhados por vários momentos em campo. Nem todas as entrevistas foram gravadas, por se tratarem de conversas informais e de observação participante. Apenas as entrevistas marcadas e agendadas foram anotadas e/ ou gravadas na presença dos entrevistados. A seleção obedeceu o critério de se tentar uma aproximação dos sujeitos que melhor caracterizavam a maioria dos freqüentadores dos locais, após a observação das cenas. Dessa forma, em boates, os jovens eram os entrevistados. Em saunas, tanto profissionais quanto freqüentadores. Onde a presença de mulheres era significativa, estas eram entrevistadas. Onde pudemos encontrar travestis, estes foram contatados. Dessa forma, espera-se ter um panorama genérico da frequência nos locais observados e das características básicas dos seus freqüentadores.

O resultado dessas observações etnográficas forneceu um amplo mapa que indicou a existência de algumas áreas consolidadas e articuladas na cidade de Salvador que legitimam um modo de vida homossexual. A apresentação das áreas está nos dois próximos capítulos.

3. Territórios e circuitos homossexuais em Salvador

3.1 O Centro: patrimônio histórico e mercado sexual

3.1.1 Pelourinho, Praça da Sé, Carlos Gomes e Avenida Sete: territórios de lazer, serviços, prostituição e sexo anônimo no Centro Antigo

No Pelourinho, na Rua Frei Vicente¹⁹, está localizado o Grupo Gay da Bahia – GGB, que é a mais antiga organização de defesa dos direitos dos homossexuais em atividade no Brasil. Fundada no início dos anos 1980 pelo antropólogo Luiz Mott, atua na área de promoção da cidadania e auto-estima e prevenção à Aids entre homossexuais masculinos, femininos e travestis. Também oferece suporte para a fundação de grupos semelhantes em outras cidades. Este grupo costuma atrair os mais variados freqüentadores: desde homossexuais, negros e populações pobres vindas da periferia até estrangeiros interessados em conhecer o trabalho desta ong que é a mais antiga na defesa dos direitos homossexuais em atuação no Brasil. Nas ruas e largos do Pelourinho, a população homossexual se confunde em meio ao fluxo de turistas, prostitutas, alguns travestis e mendigos. Alguns homossexuais também se dirigem a esta região com o intuito de visitarem a sede do GGB, o Theatro XVIII e o Cine XIV. Este teatro e cinema são dois estabelecimentos bastante freqüentados, principalmente por uma população gay de classe média-alta, consumidora de teatro e cinemas de arte.

Na Praça da Sé está localizado o Grupo “Palavra de Mulher Lésbica” – GPM²⁰, fundado por militantes saídas do antigo Grupo Lésbico da Bahia – GLB. O

¹⁹ Na verdade, esta rua atende também pelo nome de Ladeira de São Miguel, constando inclusive, com este nome nas bases da Prefeitura. O outro nome é mais conhecido do público do GGB. Não foi possível, até a conclusão deste trabalho, levantar o motivo dos dois nomes. Levanto a hipótese de que, como se trata de uma área revitalizada pelo Governo Estadual desde os anos 90, o nome Ladeira de São Miguel pode ter sido alterado. Embora não seja um tema a ser entendido no presente trabalho, mantivemos os dois nomes por dois motivos: o primeiro, é por que, como se trata de uma área urbana, teoricamente cabe à Prefeitura nomear as ruas. De acordo com este pensamento, citamos o nome dado pelo poder municipal. O segundo motivo para esta nota é o fato de que, embora caiba à Prefeitura nomear as suas ruas, em alguns casos os nomes oficiais não são os verdadeiramente adotados pela população. Dessa forma, cabe aqui continuar chamando a referida rua pelo nome pelo qual é mais conhecida pela população aqui pesquisada: Rua Frei Vicente.

²⁰ No período 2005-2006 o GPM passou por algumas transformações, como a saída de algumas militantes e a assunção de uma identidade lésbica mais visível. No mês de Junho de 2007 o GPM passou por uma mudança de endereço: agora está situado na Mouraria, também no Centro da Cidade.

GLB começou com um grupo de mulheres que, saindo do GGB, resolveram formar na cidade de Salvador um grupo próprio, com identidade homossexual feminina. Esta separação de grupos de homossexuais masculinos e femininos em grupos organizados parece ser um processo bastante comum entre militantes em várias partes do mundo. O argumento para estas dissidências está no fato de que, mesmo sendo homossexuais, os homens continuam a ser homens, de tal forma que o machismo sofrido pelas mulheres homossexuais apresenta contornos específicos. É para poderem falar do machismo e da homofobia²¹ sofridos como mulheres que as lésbicas têm fundado grupos específicos. Ainda dentro do GGB, mas como grupos específicos, estão a Associação de Travestis de Salvador – ATRAS e o Grupo Gay Negro, o Quimbanda Dudu. Do mesmo modo que as lésbicas, os militantes destes grupos agem na promoção de direitos específicos da população à qual estão ligados.

Essa região do Centro é onde se encontram o maior número de bares e boates freqüentados majoritariamente ou exclusivamente pelo público homossexual. Na Avenida Carlos Gomes, há um grande número deles (4). A freqüência dos bares e boates da região é extremamente popular. Seus freqüentadores são, em grande maioria, homens negros de classe pobre oriundos de bairros da periferia da cidade e alguns pobres do Centro e travestis. As mulheres são minoria absoluta e, no caso do Âncora do Marujo, quase não freqüentam. A faixa etária dos freqüentadores varia de 18 a mais de 50 anos. O meio de transporte mais utilizado para se chegar a este lugar é o ônibus. Algumas das viagens de ônibus até o destino chegam a durar entre 40 minutos e 1 hora e meia.

Durante a semana, a freqüência começa mais cedo – por volta das 6 e meia da noite – com os visitantes saindo diretamente do trabalho para os bares e ficando lá até cerca de onze horas da noite. Os que ficam após esse horário utilizam o modo a pé ou compartilham táxis com amigos para chegar em casa e não necessariamente trabalham no turno da manhã do dia seguinte.

²¹ Aversão a homossexuais. Com justificativas muitas vezes baseadas em fundamentos religiosos, a homofobia se manifesta através de crimes de ódio e violência verbal ou física. Em uma versão menos explícita e violenta, se manifesta com atitudes de preconceito e assédio moral, através de piadas, dificuldade no acesso ao trabalho e a escola, etc.

Dentre os bares/ boates com maior frequência destaca-se o “Âncora do Marujo”. Os shows de travestis são o forte da casa, que, mesmo durante a semana sempre têm uma lotação perto do máximo²². Esse bar é o ponto alto do circuito de diversão ligado às travestis. É o principal local onde a frequência delas está consolidada, embora mais recentemente venham acontecido shows de travestis e concursos de dublagens no bar Camarim, no Beco dos Artistas. No Âncora são feitas também campanhas de distribuição de preservativos e folhetos de combate à AIDS.

Quando pela primeira vez no Âncora, chama a atenção dos freqüentadores de outros locais a aura de um “estilo de vida gay” dos anos oitenta. Em pelo menos três falas de entrevistados nesse lugar (foram dez, no total) ficou clara uma surpresa com um modo de ser diferente das boates da Orla e do Beco: no Âncora há senhores mais velhos, barbudos e peludos, vestindo camisas xadrez de botões, em contraponto ao imaginário gay moderno de rapazes tatuados, depilados e jovens, usando camiseta regata. Há também sempre um burburinho na entrada, com algumas pessoas conversando com o porteiro. Costuma-se cobrar uma entrada no valor de três reais quando há show de travestis.

Ainda no Centro, pode-se encontrar a boate Tropical. Com funcionamento as sextas e sábados, a boate tem no público mais pobre e negro o seu alvo. Como está situada em frente ao Forte de São Pedro, na Região do Campo Grande, a boate conta com uma privilegiada oferta de transportes públicos. Dessa forma, os moradores vindos de áreas mais pobres da periferia de Salvador podem desfrutar da diversão noturna até mais tarde. É uma boate que atrai a maioria do público freqüentador de bares do Beco dos Artistas e da Carlos Gomes. A boate é uma das mais antigas de Salvador, tendo apenas mudado de nome e donos desde a sua abertura, na década de 1970.

3.1.2 Dois de Julho e Barris: serviços, lazer e moradia

No Bairro dos Barris localiza-se o Grupo de Apoio e Prevenção à Aids. Como seu nome já deixa claro, o GAPA atua na promoção da saúde. Embora não seja especificamente um grupo homossexual, a primeira população a ser beneficiada

²² Há que se lembrar que o lugar não comporta mais do que cinquenta pessoas.

com a fundação de grupos como estes, desde os anos oitenta, foram os homossexuais. Atualmente, o GAPA presta serviço comunitário de prevenção à Aids em escolas e junto a profissionais do sexo, além de defender os direitos dos portadores do vírus HIV.

A fixação residencial nesta área central se dá de forma esparsa. Nos bairros Dois de Julho e Barris, que têm tradição de residência de famílias de classe média, há um certo número de moradias de homossexuais. Embora não se possa provar numericamente esta concentração, em entrevistas realizadas estas regiões foram citadas como aquelas onde há concentração de moradia de gays e lésbicas de forma freqüente. O que parece motivar a moradia nestes locais para estes indivíduos é a proximidade com as atividades de lazer e satisfação da vida homossexual, além do anonimato proporcionado por morar em regiões mais centrais da cidade.²³ Não se pode negar também o fato de que muitos destes gays e lésbicas são filhos de famílias moradoras de regiões próximas ou mesmo do bairro e preferem continuar morando nas áreas onde haja identificação histórico-familiar.

Embora não haja dados censitários acerca da moradia homossexual, já que este não é um tema presente nos censos brasileiros, de maneira assistemática podemos observar alguns dados indicadores da moradia homossexual: a quantidade de solteiros e serviços como lavanderias e fast foods, o número gays perambulando pelas ruas em horários comerciais e em atividades não ligadas ao mercado homossexual como bar, boate ou sauna.

3.1.3 Campo Grande: história, cultura, os artistas e o Beco

No caso do Campo Grande, além da praça que dá nome à região e serve para cooper e encontro de amigos e paquera durante o dia, há um território bastante conhecido e historicamente consolidado. Trata-se do “Beco dos Artistas”. No lugar, atualmente funcionam vários bares e há até uma certa segmentação do público de cada um deles. A distribuição dos bares no Beco é a mostrada abaixo.

²³ Um dos entrevistados (Antonio), morador da região de Cajazeiras (periferia da cidade) citou a moradia no Centro como sendo algo desejável por que, “além da proximidade das boates e bares, nestes lugares as relações com os vizinhos são menos intensas e se pode levar uma vida mais ‘gay’ sem se preocupar com o que se vai falar”. A mesma opinião foi a de Joana, outra de nossas entrevistadas.

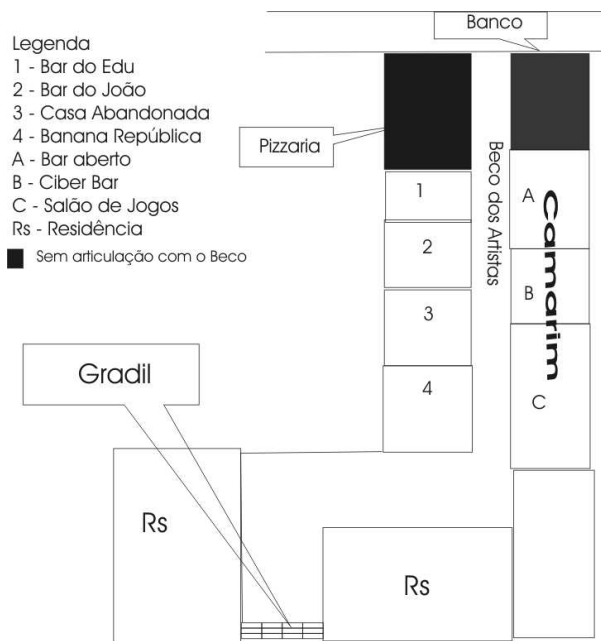


FIGURA 1: MAPA DO BECO

O Bar Camarim se divide em três ambientes, de acordo com a figura. No bar aberto (A), as mesas são o principal atrativo. Neste lugar, os casais de gays, de lésbicas e grupos de amigos se divertem sentados, assistindo dvds musicais projetados numa enorme tv, em cima do balcão. A programação de áudio e vídeo é majoritariamente preenchida por shows de cantoras internacionais mais jovens, divas dos gays. Algumas divas brasileiras modernas se misturam às internacionais: Daniela Mercury, Ana Carolina e Maria Bethânia convivem em harmonia com Madonna e Britney Spears. O ambiente tem uma decoração que privilegia a aura de camarim, com pôsteres de antigas divas do cinema. Os freqüentadores deste ambiente são das mais diversos tipos: desde jovens até os mais velhos, sobretudo de classe média. Há uma predominância de pessoas pouco assumidas. Eles se utilizam da aura de local fechado e denso, além de escuro, para poderem namorar. As mesas normalmente são ocupadas por casais e grupos de amigos.

No *ciber bar* (B), computadores dividem espaço com mesas. A decoração é um pouco mais “moderna” do que no espaço anterior. As janelas não ficam totalmente abertas nesse espaço como é o caso do anterior e a penumbra oferece certa privacidade. De todos, pensando-se na performance de gênero dos freqüentadores, esse é o ambiente onde as pessoas mais modernas freqüentariam,

não fosse a falta de ventilação e ar condicionado, de acordo com os próprios freqüentadores. Nesse ambiente, não há tv.

O próximo espaço é o salão de jogos. Lá, as tvs foram colocadas nas paredes. É um ambiente abafado e escuro com três mesas de sinuca. O ambiente é freqüentado majoritariamente por mulheres, numa atualização do padrão caminhoneira. Agora, essas “lesbicas”, continuam masculinizadas, porém mais *fashion*. As camisas xadrez de botão e as tradicionais pochetes –visual tradicional das “entendidas” – foram deixadas de lado. A etnia predominante é a branca, de classe média. Os poucos homens que ai freqüentam, ostentam uma masculinidade mais “tradicional”. Jogam sinuca, bebem cerveja no gargalo e discutem bastante o jogo, embora sejam menos barulhentos do que as mulheres.

Por volta do início do verão 2006-2007 este espaço ganhou uma nova configuração. As mesas de sinuca foram colocadas de lado e algumas mesas saíram para dar espaço para que o público pudesse dançar e ficar em pé nos dias de maior lotação. Às quartas feiras uma travesti tem feito um show bastante popular e concorrido, apresentando um concurso de travestis iniciantes. Pelo que foi constatado pela pesquisa, este concurso abre as portas para uma carreira de travestis e *drag queens* ligados aos shows de dublagem. As melhores dessa competição entram no circuito de shows do Âncora do Marujo, se consolidando como uma travesti dubladora e fugindo da prostituição. É interessante notar a aparência cada vez mais jovem dessas travestis que participam da competição. Algumas aparentam terem menos de dezoito anos, embora quando questionadas façam questão de se dizerem maior de idade. Os freqüentadores também são jovens. A aparência é de colegiais e trabalhadores esticando a noite após um dia de trabalho. É interessante notar um intenso fluxo de pessoas indo embora a partir das 23 horas, quando passam os últimos ônibus em direção à periferia. Em alguns momentos, pude presenciar discussões entre amigos que desejavam esticar, mas eram impossibilitados pela possibilidade de ficarem sem condução de volta para casa.

O bar do Edu é o nome do primeiro bar oposto ao Camarim. É um espaço comprido, porem um pouco abafado. Tons de laranja decoram o ambiente, acentuando a sensação de falta de espaço. Os freqüentadores costumam ficar na

porta do bar, assim como seu dono. Este bar é responsável pela cerveja mais barata do Beco, mas ainda assim não é o mais freqüentado. Seu público é bastante popular e gosta muito do som de Daniela Mercury, que o dono faz questão de tocar sempre.

O “Bar Cultural” é o nome do segundo bar oposto ao Camarim. É, para os intelectuais e os gays mais velhos, o espaço mais agradável, por ser amplo e aberto. É o único que ainda conserva cadeiras nas calçadas, na porta do bar. Neste bar, a figura mais conhecida é a sua simpática garçonete, que anda pelo Beco oferecendo às pessoas a possibilidade de serem servidos mesmo fora do Bar. O público interno do bar é de casais. À porta ficam os solteiros muitas vezes em pé. A clientela desse bar parece ser, dentre as que freqüentam o beco, a que mais vai a Off, por conta do estilo e da idade: são mais brancos, mais velhos – acima dos 28 anos – e mais bem vestidos²⁴.

O bar “Banana República” fechou em 2006, pouco depois do início do verão. Era um bar freqüentado quase exclusivamente por mulheres. Suas opções de lazer variaram um pouco. Há cerca de três anos, mostrava *dvds* de cantoras de axé, principalmente Ivete Sangalo. Depois, passou a oferecer música ao vivo. Antes de fechar, nenhuma das opções eram encontradas. O bar servia apenas de ponto de encontro para as meninas que atualmente freqüentam o salão de jogos do Camarim.

Há certo conflito entre os moradores do Beco e os gays freqüentadores desses bares. A razão é que, com os bares fechados, ao longo do dia, o beco é apenas mais uma rua residencial do centro da cidade, de população de classe média baixa. À noite, o cenário se transforma e gays e lésbicas, além de um público de intelectuais e freqüentadores do Teatro Castro Alves, passam a ocupar não apenas os bares, como também a rua do beco. Nesses horários, os moradores só passam aí de carro ou moto, muitas vezes de forma brusca, causando certo incômodo para os freqüentadores do Beco.

3.1.4 O sexo e a prostituição nos espaços públicos do Centro: o circuito de sexo anônimo

²⁴ Esse conceito de bem vestido é um pouco relativo, mas é inegável que a qualidade das roupas diz algo sobre a personalidade e a classe social dos indivíduos.

Ao longo do Centro encontramos uma série de praças e espaços públicos que, embora não sejam majoritariamente freqüentados por gays, sua apropriação por esta população é notória. São regiões chamadas de “áreas de deriva” ou paquera, por Perlongher (1987:156). Desde as praças e ruas do Pelourinho até o Largo do Campo Grande pode-se notar certa freqüência gay nas ruas. Durante o dia, essa freqüência é menos visível ao público comum, mas entre os próprios homossexuais é reconhecida a perambulação gay na área. Há vários tipos de usos das ruas e praças ao longo dessa mancha. A principal função destas ruas para a vida gay é interligar os territórios dispersos no espaço do centro da cidade, embora outros usos sejam significativos para a região. Há, desde a simples perambulação até a prostituição de rua, passando pelo engate sexual anônimo. A prostituição fica de fora desses ambientes, ocorrendo apenas nas ruas.

Não há uma rua ou um tipo especializado de prostituição no Pelourinho como ocorre com as travestis da Avenida Sete de Setembro. Aqui, o comércio do sexo ocorre de forma mais sutil e os alvos são, em grande parte, os turistas. Nas ruas das avenidas Sete e Carlos Gomes, a prostituição acontece de maneira adversa do Pelourinho, a depender da hora. Ao longo do dia, as duas ruas servem de pequeno comércio e, por isso mesmo, a atividade sexual é mais camuflada e menos explícita. À noite, a Carlos Gomes serve ao passeio a pé e de entrada para os bares. Por volta das oito horas da noite as travestis começam a chegar e se colocar nas transversais com a Avenida Sete, assumindo seus postos de trabalho. O movimento de garotos de programa é mais sutil e ocorre sem a mesma visibilidade da prostituição de travestis. Isso não quer dizer que não ocorrem contactos sexuais durante o dia. Na verdade, há uma intensa atividade sexual ocorrendo através de contactos e paquera nos shoppings, nas ruas ou nas praças (Dois de Julho, Aflitos e Piedade) de onde os pares se dirigem aos pequenos hotéis, às saunas ou até mesmo às escadarias de prédios onde podem dar vazão aos desejos sexuais de forma rápida, barata e anônima. De acordo com Antonio, 47, morador do Politeama, alguns moradores das proximidades chegam a levar as conquistas para suas casas, mas não é o mais comum, por ser esta uma prática arriscada.

Os dois shoppings da região servem de ponto de encontro de jovens, estudantes e casais de namorados vindos de diferentes partes da cidade, não

necessariamente para comprar. Parte desses freqüentadores está interessada em passear, sair, paquerar e “ver pessoas”. Como em Salvador os shoppings acabam por substituir as praças, é muito comum esta utilização de espaços comerciais para outros fins, além do comprar. As praças de alimentação dos shoppings se transformaram em verdadeiras praças de encontro e socialização.

Por ser uma área central e muito populosa, o fluxo de pessoas é intenso e a proximidade com a Estação da Lapa aumenta o número de freqüentadores. Em decorrência dessa grande densidade, o local parece adequado a encontros fortuitos e anônimos. Há, tanto nesses como em outros grandes shoppings de Salvador e das grandes cidades do mundo, uma subcultura de sexo anônimo entre homens muito presente e, de certa forma significativa para a expressão da apropriação de determinadas regiões por homossexuais.

Tal atividade consiste na prática sexual entre homens em banheiros coletivos ou em ambientes públicos. É um ritual exclusivamente masculino, mas que desperta uma série de reações, desde a aprovação até a mais radical negação. Firmino, 56 anos, professor, diz: *“não tenho coragem. O que quero é um amor sério e não uma transa, pois para mim, é algo fácil de conseguir. Já amor, a gente não consegue em um lugar como esse [de pegação]”*.

Em Salvador, podemos observar locais “de pegação” em diversas regiões da cidade, divididos em duas categorias iniciais: a) locais onde a pegação é consolidada; e b) locais onde a pegação é esporádica. Entre os locais do tipo (a), de pegação consolidada, encontramos aqueles onde a pegação é uma atividade que dá reconhecimento ao local. É comum, entre os homens homossexuais, menção a locais onde a prática sexual ocorre de forma ampla e reconhecida. Nesses locais, é comum as pessoas irem apenas para fazer sexo. Com relação aos locais do tipo (b), de pegação esporádica, podemos dizer que embora a pegação ocorra nestes locais, ela não é uma atividade característica do local. Explica-se: ela ocorre em função da coincidência de pessoas interessadas, naquele momento, mas não atrai pessoas exclusivamente para estes fins. É muito comum ocorrer em locais onde pessoas já praticantes coincidentemente se encontram e realizam o ato de pegação. É muito freqüente em centros comerciais de bairros residenciais onde a freqüência é menor.

A prática da pegação ocorre em diversos locais da cidade, mas é bastante comum em banheiros de shopping. Carlos, 39, pedagogo, diz: *“Acontece em todo tipo de lugar. Desde os locais mais comuns, que a gente está cansado de saber, como nos shoppings, até os locais mais inusitados, como em universidades. Eu já vi em todo tipo de lugar, só depende das pessoas...”*, Diz, dando a entender que, realmente, a pegação pode acontecer em qualquer local, desde que as pessoas estejam dispostas. Na verdade, esta modalidade de sexo anônimo pode ocorrer em qualquer lugar. É necessário apenas que haja pessoas interessadas nos locais. Alguns desses banheiros de espaços públicos e de shoppings (onde a prática é mais freqüente no caso de Salvador), entretanto, definem circuitos de sexo. Em alguns banheiros de shoppings e supermercados a prática é tão reconhecida como atividade ligada ao local que algumas pessoas chegam a se dirigir diretamente a estes locais apenas para os encontros sexuais.

Nestor Perlongher (1987) reconhece a ligação do sexo em banheiros com a prática da prostituição. Segundo o autor, em locais onde se pode acontecer pegação, principalmente banheiros, a negociação toma um tom mais objetivo, já que os corpos - e muitas vezes o falo – estão expostos à avaliação. Francisco, 40, antropólogo, diz que, na pegação, *“o tamanho do pênis assume um fator muito determinante. Quanto maior o pênis, mais sucesso seu dono faz”*.

3.1.5 O lazer nos shoppings do Centro: juventude, consumo e valorização do espaço privado fechado

Também nos shoppings, além dos banheiros, as já citadas praças de alimentação, em determinados dias, principalmente nos finais de semana, servem como ponto de partida para a saída noturna. Por ser um lugar fechado e discreto, que oferece, além do conforto, a segurança contra ataques, as praças de alimentação destes shoppings se tornaram locais identificados com o público homossexual, principalmente as mulheres. Para as meninas “entendidas”, principalmente as mais jovens, mais femininas e não abertamente assumidas, o shopping é um lugar ideal de encontro. Nestes locais, essas garotas podem encontrar suas namoradas ou paquerar com segurança contra o assédio mais enfático dos homens e se resguardam de ataques homofóbicos. Um dado parece

contribuir para a ligação com o grupo de mulheres: nestas praças são oferecidos shows de artistas ao vivo. É bem freqüente a presença de música ao vivo nos bares de lésbicas em Salvador²⁵.

Como falado antes, essas praças dos shoppings servem também de ponto de partida para a saída noturna. Aos sábados, muitos grupos de amigos vindos de regiões afastadas do Centro vão de ônibus até a Estação da Lapa e se reúnem nos finais de tarde nas praças de alimentação desses shoppings para daí irem aos bares do Beco dos Artistas após assistirem aos shows de música ao vivo no shopping. As sextas, os grupos costumam chegar aos shoppings vindos diretamente do trabalho ou escola. Para os que têm trabalho no outro dia, o passeio se encerra mais cedo. Para os que poderão dormir até mais tarde, uma esticada após o shopping é comum.

Um dado interessante a notar é que travestis foram vistos pelo menos duas vezes passeando e comprando em um dos shoppings da região em dias de semana, no horário da tarde. A presença das mesmas parecia chamar mais atenção deste pesquisador do que da população freqüentadora habitual. Enquanto observava o movimento delas dentro do shopping, não foi possível observar nenhuma atitude grosseira ou piada. Parecia, na verdade, haver uma aceitação natural daquela presença no shopping.

3.1.6 Os cinemas e as saunas do Centro: a questão dos espaços fechados

Os cinemas encontrados nessa mancha são de três tipos: os chamados “de arte”, os que exibem filmes pornográficos e aqueles que exibem filmes populares. Entre os cinemas de arte, são dois os encontrados. O do Pelourinho, anteriormente citado, e o do Museu de Arte Moderna – MAM. Entre os cinemas desse circuito “de arte”, é comum a exibição de filmes cujo tema seja a homossexualidade e a transexualidade. Entre os gays de classe média alta que gostam de filmes “cult” é um circuito de cinema bastante freqüentado. Na região também são encontrados

²⁵ No extinto Banana República (2005) também foi oferecido como atração para os freqüentadores shows ao vivo de mpb, no período desta pesquisa em que a freqüência neste bar era predominantemente feminina. Em outros bares e casas de épocas anteriores a esta época freqüentado por mulheres, o som ao vivo sempre esteve presente. Parece que o “voz e violão” está para as lésbicas assim como o “bate-estaca” está para os gays.

dois cinemas que exibem filmes pornográficos. A frequência destes cinemas é bastante popular entre os homens de classes baixas, mestiços e negros. Muitos gays e não-gays em busca de uma aventura com rapazes costumam frequentar esses cinemas. Seu funcionamento começa a partir do início da tarde e vai até a noite, sempre com seus frequentadores fazendo sexo nas poltronas. A origem do público é bastante heterogênea: seus frequentadores são desde trabalhadores da região em busca de aventuras até pessoas de regiões afastadas em busca de sexo rápido e anônimo. A presença de travestis nesses cinemas é constante. Cabe a elas, muitas vezes, limpar os cinemas, em troca da permissão de aí se prostituírem. Na verdade, o trabalho de muitas travestis que se prostituem durante o dia se dá nesses cinemas por não ser possível para as mesmas “fazerem ponto” nas ruas. Segundo Jennifer, “a rua durante o dia não presta por que é muita gente andando e o cliente fica inibido de chegar, além do perigo que é para nós, travestis, ficarmos nas ruas expostos à violência”. Essa fala mais uma vez revela a necessidade de espaços fechados para a garantia da segurança contra a violência e o preconceito.

Como no caso das meninas que gostam de shopping, as travestis preferem o cinema pela possibilidade de uma afirmação pública, mesmo em locais fechados, da sua identidade sexual. Parece haver também, nesse sentido, uma associação entre local fechado e segurança contra a violência, como se o espaço público aberto (as ruas, as praças e os jardins) se tornassem locais mais propício ao surgimento de agressões.

Voltando à questão dos cinemas, as salas que exibem filmes ditos “comerciais” ou “comuns” ficam no interior de um dos shoppings. A frequência dessas salas – são duas salas exibindo filmes simultaneamente – não é majoritariamente gay, tampouco eles são tão visíveis como no caso das salas “de arte”, embora tenham presença notória. O público desse cinema está entre o mais popular entre os cinemas de Salvador. O ingresso custa cerca de seis reais com pipoca. É muito comum os jovens em idade escolar irem com seus amigos e parceiros. Estes cinemas estão para a população jovem de classe média baixa assim como os cinemas do Iguatemi e do Aeroclub para os jovens das classes mais altas.

Até os anos de 2000-2003 havia, na região da Praça Castro Alves um cinema também de público semelhante ao do shopping da Lapa. Nessa sala, embora os filmes não fossem pornográficos, a frequência com que os encontros sexuais aconteciam nas cadeiras e nos banheiros era maior e mais explícita. Seu público era formado por adultos – os jovens pareciam preferir ainda os cinemas do shopping –, principalmente negros. Ao contrário do que acontece nos shoppings, nesse cinema algumas pessoas preferiam chegar desacompanhadas e conhecer parceiros durante as sessões. Carla, 24, uma lésbica entrevistada para esta pesquisa, frequentadora do Beco e dos shows de música no shopping alertava: *“ali não presta para ver filme. Um amigo meu foi ‘atacado’ numa sessão sem nem procurar nada. As pessoas vão (iam) mesmo para ‘caçar’”*.

Uma coisa interessante nesses espaços de cinema e shoppings do Centro é que o sexo anônimo não aparece entre os jovens como um fim em si mesmo. Poucos são os que se dirigem a estes locais em busca de sexo. Eles parecem estar em busca de uma socialização, de um encontro com os iguais. Fala Ricardo, 18 anos, estudante da região e morador de Paripe: *“eu não curto muito esse negocio de ficar no banheiro ‘caçando’ os caras não. Acho mais interessante a paquera na praça e a conversa com meus amigos. Como não sou assumido, não posso ir às boates ou aos bares. Então, o shopping é o lugar mais legal para encontrar a galera, conhecer pessoas e paquerar. O sexo eu deixo para acontecer em casa”*. Embora more com os pais, ele afirma conseguir fazer sexo em casa: *“meus pais trabalham até nos sábados. Sempre ‘dá’ para ver filmes com amigos em casa ou estudar junto”*. Embora compartilhe dos mesmos subterfúgios para o sexo, Vinicius, estudante, 19 anos, morador de Itapuã tem opinião diferente: *“ah, o sexo pode acontecer em qualquer lugar. Não vou negar só por que estou no shopping. Tem muitos jeitos de ‘rolar’ e eu conheço varias formas. É legal, principalmente para quem mora longe ou não quer entrar em motel”*. Para Antônio, 47 anos, funcionário público morador da Piedade e um observador dessa prática, *“trata-se de um exercício de sexualidade. Esses jovens que estão no shopping mesmo não fazendo sexo no banheiro, compartilham dessa aura de sexualidade. São adolescentes e jovens em busca de experimentar. Como alguns não têm outra opção, só resta isso”*.

Um serviço bastante comum ligado ao meio gay são as saunas. Há, pelo menos, cinco saunas atualmente em funcionamento. Uma no Tororó, duas nas imediações da Carlos Gomes, uma nos Barris e uma em Nazaré. À primeira vista, a sociabilidade em torno das saunas é bastante parecida com aquela ligada ao sexo anônimo. Para nós, algumas diferenças foram notadas. A principal delas é que, embora nas saunas muito sexo anônimo ocorra e este seja a base desta prática, é muito mais comum para assumidos participarem deste circuito do que os não assumidos. A explicação está na ligação íntima entre a prática da sauna e o universo homossexual masculino. Para muitos gays, a sauna é o local ideal para encontrar parceiros. Somente quando se percebe gay e aceita em si a homossexualidade é que o indivíduo resolve partilhar de certos comportamentos, entre eles freqüentar bares, boates e saunas. A estada na sauna revela alguns componentes que a tornam peculiar. Como não há a possibilidade de se freqüentar acompanhado, a não ser com outro homem, os gays não assumidos não podem usar o disfarce de estarem acompanhado de uma amiga, como acontece em bares e boates. Também, pela natureza do interesse aí em jogo, o usuário deste tipo de serviço não tem como negar sua intenção ao estar no local. Apesar destas características do objeto em questão, a performance é bastante diferenciada, de acordo com o grau de assunção, a idade e o tipo físico do sujeito. Na verdade, estas informações foram coletadas através de entrevistas com alguns freqüentadores e um dono de sauna, além do observado em algumas visitas.

Os mais jovens e mais ricos, geralmente brancos, chamados de “boyzinhos”, pela imaturidade, vergonha ou medo de ser visto, preferem os ambientes mais escuros e, não raro, fazem sexo sem conversarem muito com o parceiro. Um segundo tipo é o das chamadas “barbies”, os gays depilados, musculosos e, segundo os próprios gays, geralmente passivos²⁶. Para Ícaro, 42 anos, *“elas só querem exibir o peitão depilado e tirar onda. Mas. Quando estão desesperadas, pegam qualquer um que seja bem dotado. Na sauna, elas se revelam e até ficam com os pobres que não querem beijar nas boates, mas ficam doidas pelo dote do cara”*. Um terceiro grupo é o de gays mais velhos e mais assumidos. Estes chegam,

²⁶ Embora esta seja uma afirmação arriscada, a referência aos gays chamados de “barbie” é que, como querem compensar a masculinidade afetada pela performance passiva na cama, esses sujeitos costumam assumir corpos extremamente masculinizados. Não nos interessa a performance sexual dos indivíduos, mas, as observações sobre as “barbies” nos mostram que este é um grupo altamente controverso no meio gay: cultuam a beleza física e tomam anabolizantes para estimular o crescimento dos músculos.

conversam e são os preferidos dos garotos de programa que trabalham nas casa. Marcelo, 19 anos, michê, fala: *“Ah, quando o cara é mais velho e assumido, ele chega, conversa e até paga uma cerveja antes da transa. Você percebe que o cara é assumido e que tem costume de ir à sauna quando vê que ele não fica escondido nos cantos. O cara anda, conversa e até paquera. Quando é casado ou não assumido, ele vai p o dark room, transa e sai rápido.”* Ícaro confirma: *“Quando o cara é mais velho e não é enrustido, ele relaxa e curte a sauna. Eu mesmo tenho amigos de dez anos que fiz em saunas.”*

3.2 A Barra e a Graça: modernidade, mercado sexual e identidade gay

3.2.1 A questão da moradia

Na região da Graça, há uma série de serviços de restaurantes, cabeleireiros, cinemas de artes, docerias, locadoras de filmes com amplo acervo de filmes com temática homossexual, academias de ginástica, museus, farmácias 24 horas, lavanderias e bancos. Embora não sejam serviços gays ou direcionados exclusivamente para este público, um simples passeio pelas ruas e estabelecimentos comerciais deste bairro pode evidenciar a presença de gays. É uma área de moradia de famílias de classe média alta, com várias gerações de uma mesma família morando próximas umas das outras. No entanto, assim como parece ocorrer no território Barris, há moradia de gays concentrada nesta região. Um fato que chama atenção e serve como um sinal claro desta tendência à moradia homossexual é o fato de haver duas lavanderias na região da Graça e da Barra (Largo da Vitória/ Ladeira da Barra e Porto da Barra), que contam com a bandeira do arco-íris e a frase *“nós respeitamos as diferenças”*.

Entrevistando os donos da lavanderia, descobrimos que a idéia de usar a bandeira surgiu após perceberem que alguns dos seus clientes eram homossexuais, entre eles uma travesti. Para se mostrarem sensíveis ao público quanto à confiabilidade e discrição dos serviços, os donos então, adotaram a bandeira. Embora este seja um símbolo internacional e a área abrigue alguns hotéis e pousadas, os donos afirmaram que a maioria do seu público que percebe a bandeira

e comenta são moradores da região. Segundo eles, o número de homossexuais usuários da lavanderia (ou de pessoas que afirmaram se identificar com a bandeira do arco-íris) aumentou.

Na Graça observam-se casais de homossexuais juntos nas sorveterias, lanchonetes e mercados, fazendo compras juntos. É, na verdade, o local onde o cotidiano ocorre sem sobressaltos. Para oito moradores gays foi perguntado o porquê de se escolherem o bairro da Graça para a moradia. As respostas mais comuns estão relacionadas ao preço dos imóveis e à infra-estrutura de serviços.

Entre os entrevistados solteiros, a maioria afirmou morar na Barra. Ricardo e José, dois rapazes casados deram respostas semelhantes: para eles, os apartamentos na Graça são maiores e a infra-estrutura é mais adequada aos casais: há cinema²⁷ próximo, mercados e museus. Para os solteiros, é importante estar perto da praia, das boates, dos bares e da sauna. Então, entre os que podem pagar pelo aluguel na Barra, este é o destino preferencial. Para os que não podem, mesmo dividindo com amigos, a escolha se volta para Graça, onde a moradia é mais barata em relação à Barra e a infra-estrutura é semelhante. Os mais jovens, como João, deixam claro essa preferência pela Barra: *“eu só não moro lá por que ainda não posso. Sou estudante, vim do interior e minha família paga minha casa. Para eles, é melhor que eu more aqui (numa casa de estudantes na Graça), mas quando eu puder pagar, mudarei para a Barra, que é mais perto dos lugares onde me divirto: a praia do Porto, a boate e os bares. Poderei ir andando e não dependerei de ônibus ou táxi.”*

3.2.2 O encontro das classes na praia do Porto da Barra e o circuito de jogadores de vôlei vindos da periferia: classe, raça e performance de gênero

²⁷ Na verdade, os cinemas ligados ao público gay na região seriam dois: o do Museu Geológico, no Corredor da Vitória, e o do Clube Baiano de Tênis, próximo ao Largo da Graça, ambos ligados ao circuito de “filmes de arte”. Em ambos, principalmente o do Baiano, filmes que tratam de questões ligadas ao estilo de vida homossexual ficam por semanas em cartaz. Em algumas das sessões que pude assistir no Baiano, encontrei casais de homossexuais, alguns de mãos dadas, outros trocando beijos discretos. No Museu essas cenas foram mais raras. Durante esta pesquisa, o cinema do Baiano foi fechado quando o Clube deu lugar a um supermercado de luxo e novas salas foram abertas.

A Barra é um dos bairros mais famosos da cidade. Oferece, além de infraestrutura de serviços para a manutenção da vida cotidiana, uma infra-estrutura de lazer privilegiada, pela proximidade com o mar. O Bairro da Barra oferece uma extensa orla, com praias apropriadas para o banho e outras atividades ligadas ao mar, como o mergulho e a pesca. É nela onde se concentram os principais serviços exclusivamente destinados aos gays de classe média: uma boate, alguns bares, uma sauna e a Praia do Porto, onde, numa faixa de terra específica, os gays desfrutam do banho de mar. Como afirma Mott (2000: 84), a praia do Porto é freqüentada desde os anos 70 por homossexuais. Embora este autor destaque a forte presença de heterossexuais mais pobres vindos da periferia como inibidores da presença de gays aos domingos, depois do meio dia de sábado há uma constante presença de homossexuais que dura todo o final de semana. Durante todos os dias encontramos homossexuais de todas as classes sexuais entre os freqüentadores, principalmente a tarde. Em alguns pontos da praia, os gays continuam sendo maioria absoluta. O Porto da Barra é um espaço tido como privilegiado, segundo seus freqüentadores. A praia é tranqüila, o mar é limpo, os freqüentadores são bonitos, com predominância de gays brancos, turistas homossexuais e consumidores de maconha.

Nos finais de semana do verão, principalmente depois dos 17 horas, alguns grupos armam quadra com rede e disputam partidas de futevôlei e de vôlei. No futevôlei jogam principalmente heterossexuais que trabalham como barraqueiros durante os dias da semana. Alguns rapazes que costumam fazer sexo com gays em troca de dinheiro também costumam jogar entre os barraqueiros. Pude acompanhar mais de perto o grupo de vôlei dos rapazes vindos da periferia. Esta inserção me permitiu contatar novos grupos e obter informação acerca de outros grupos de amigos.

As partidas de vôlei sempre começam depois das 17h30min, com o ritual de armar a quadra na areia, dispondo as marcações de fita e da colocação da rede. Até as 18h15min, quando o sol termina de se pôr e a praia está vazia, o vôlei começa. Os jogadores são sempre gays e, a depender do dia da semana, a classe social pode variar. Aos domingos, os grupos são mais negros e pobres do que aos sábados, quando se encontram jogadores mais brancos, mais ricos e mais discretos.

Durante essa pesquisa, o público do domingo foi o que se mostrou mais freqüente quanto à realização dos jogos. Por esse motivo, será descrito principalmente este grupo e, apenas ocasionalmente outros grupos serão abordados.

Os “nativos”²⁸ aqui enfocados pertencem às classes mais populares, utilizam ônibus como principal meio de transporte, exercem atividades pouco valorizadas, como operadores de *call center* e cabeleireiros, além de desempregados²⁹. Entre os que estão cursando nível superior, todos estão em instituições particulares de caráter mais popular. A necessidade de trabalhar de segunda a sábado, não raro combinado com estudo, obriga aos integrantes desse grupo de vôlei a praticar o lazer apenas aos domingos. Como trabalham durante a semana, os freqüentadores unem a prática do lazer com a possibilidade de encontrar os amigos e exercer a sociabilidade. Um ponto interessante diz respeito à grande distância entre o local de casa e o do vôlei, o que dificulta o acesso, principalmente de ônibus, que é o principal meio de transporte da turma do domingo. Para tal, os “nativos do domingo” ficam atentos ao horário final dos ônibus que possam levá-los para casa. Para pegar o último ônibus, em torno de 22h30min, eles terminam a partida por volta das 22 horas e desarmam todo o cenário.

²⁸ O grupo é formado por cerca de vinte pessoas, que se revezam a cada partida. Nem todos estão sempre presentes. É comum que, a cada final de semana, esta turma conte com quinze dos membros.

²⁹ Um jovem rapaz brincou certa vez com o fato de que já era tarde – 21h50min - e que no outro dia acordaria de madrugada, por volta de 11 horas da manhã. Isso causou certa comoção e gritos divertidos, principalmente entre os que acordariam cedo, por volta das 07h30min, para estarem no trabalho ou na aula.

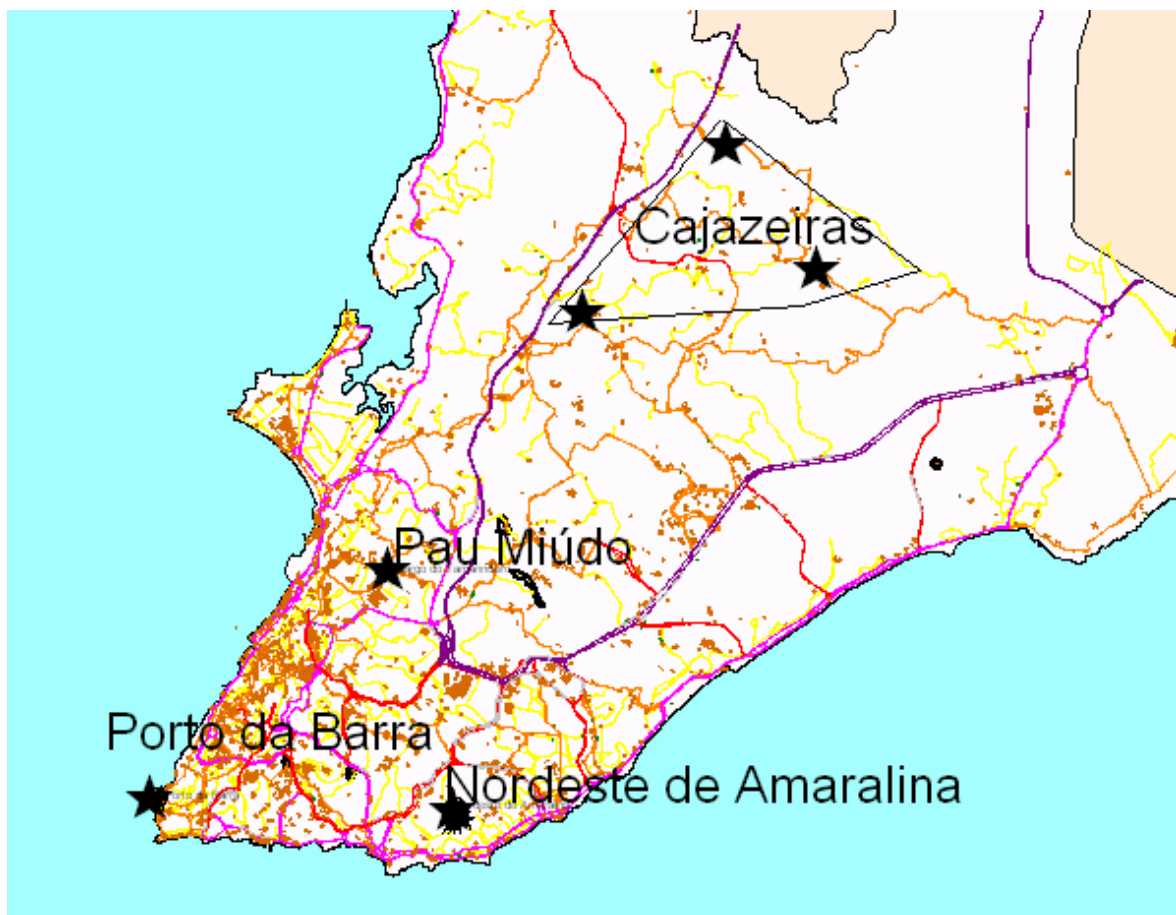


Figura 2: Origem dos jogadores de vôlei de domingo no Porto da Barra

O grupo é formado por membros das classes populares de composição étnica predominantemente afro-descendentes e negros. Não existem brancos no grupo, embora entre os afro-descendentes a cor da pele varie entre o sarará - mais branco - até o negro. Por causa desse contraste, o sarará acaba se passando por branco, o que dá ao tom da pele um caráter especial. Isso causa certa comoção, pois, durante o jogo, na algazarra típica da disputa os outros costumam chamá-lo de “bonequinha de louça”, de “porcelana”. Ele não chega a ser o mais efeminado, mas a delicadeza e a cor parecem contrastar demais com a cor dos outros jogadores, tão ou mais efeminados do que ele. A maioria dos jogadores são gays do tipo “pintosos”, ou que dão “pinta de gay”. Os mais efeminados, à exceção do professor sarará, são os mais jovens. Costumam chamar por nomes femininos entre si, principalmente por nomes de personagens das novelas de maior sucesso da época.

Existe um cabeleireiro chamado Danilo que é travesti e já colocou silicone no rosto. Ele costuma agitar o jogo ficando ao lado da quadra, comentando os lances e

a performance das “amigas” e faz comentários divertidos para a turma. Costuma gritar: “corta naquela passiva”, “mulheres, virem o jogo”. Isso revela uma certa estigmatização do passivo que, ou é mulher, ou está perdendo. Isso fica claro alguns instantes depois, nas palavras de outro, que grita, para animar o jogo: “vamos virar o jogo, porque aqui não tem nenhuma passiva!”. A única mulher do grupo assiste ao jogo, conferindo a performance dos amigos e do marido, o único heterossexual do grupo. Uma observação interessante é que os mais efeminados eram negros, mais jovens e tinham menor escolaridade. Embora sobre a escolaridade não tenha havido enquete formal, pude perceber, a partir das conversas deles, que preparavam – se para retornar às aulas do ensino médio no dia seguinte. Para estes, o universo era ainda mais infantil com relação às brincadeiras. Enquanto alguns dos mais velhos atribuíam uns aos outros nomes de personagens femininos das vilãs das novelas da Globo, entre os mais jovens os personagens adotados eram heroínas de desenhos animados.

Além do vôlei, o banho de mar é altamente apreciado entre os gays, mesmo durante a semana. Nessa praia, os brancos estão a passeio e os negros a trabalho. Os brancos são turistas, gays e membros de classes mais altas. Em alguns dias, nenhum negro pode ser observado desfrutando do banho de mar. É como se a praia durante a semana fosse acessível apenas aos brancos. Os negros aí trabalham como vendedores de petiscos e cerveja ou alugam cadeiras e sombreros aos brancos que se divertem. No calçadão, algumas pessoas observam os que estão na praia. A “fechação³⁰” é mais discreta do que na areia.

Embora o número de gays seja menor do que em finais de semana, a apropriação do Porto pelos gays estende-se por toda a semana. Os gays que aparecem durante a semana, em sua maioria ainda aparece no Sábado. Uma parte começa a migrar para as praias gays da região da Orla. Lá, dividem-se entre a Praia dos Artistas, mais popular, e entre a Barraca do Gaúcho, em Stella Mares, mais elitizada. Essa divisão popular/ elitizada se dá pela estética dos locais e pelo acesso. Para quem anda de ônibus, é mais barato e mais rápido frequentar a Praia dos Artistas.

³⁰ O conjunto de brincadeiras, gestos e atitudes que evidenciam uma performance de gênero muito caricata e feminina, muito associada ao humor gay mais aparente.

Os brancos são maioria absoluta entre os que se divertem também nos finais de semana. Os negros aí observados são vendedores ambulantes de petiscos ou locadores de cadeiras de sol. Entre os que prestam serviços, parece não haver gays, embora a cordialidade com que alguns jovens rapazes negros, trabalhadores, se mostrem à vontade para com os gays e as suas eventuais cantadas indicam que alguma negociação estes rapazes e os clientes.

Existem alguns rituais de paquera muito comuns nos ambientes gays de Salvador, tendo sido observados tanto em festas populares como o Carnaval, quanto em praias, bares e boates. Pude perceber dois rituais:

a) Olhar e abordar diretamente, perguntando nome e iniciando uma conversa. Nesse ritual, a paquera é direta, um só abrirá espaço para a aproximação do outro se os olhares forem correspondidos. A partir da aproximação física e do início da conversa, pode-se combinar um passeio, conhecer melhor o sujeito. Não acredito que haja prostituição direta relacionada a isso, por que uma aproximação como essa carrega em si a assunção direta do desejo pelo outro.

b) Olhar a distancia e oferecer cerveja, abrindo espaço para abordagem. Acredito que a prostituição esteja mais associada a esse tipo de abordagem. Após olhar, oferecer cerveja é uma forma de se fazer a corte a um pretendente. Embora a prostituição clássica incite uma negociação direta, nesse ritual abre-se espaço para que um dos sujeitos mostre-se como provedor, seja através da bebida ou através de outro tipo de vantagem que um dos sujeitos receberá em troca de sexo. Embora pareça uma divisão maniqueísta e pragmática, no espaço da praia, este tipo de aproximação surte efeito e é bastante comum. Os garotos, mesmo que não sejam “michês”, estando a passeio aceitam galanteios e gentilezas dos gays e eventualmente poderão aceitar transar em troca de algum benefício. O discurso dos rapazes de que ‘estão à passeio’, ‘procurando uma curtição’, demonstra que estão a fim de que algo para fazer, ou seja: à espera de algum encontro e de algum benefício a partir dos mesmos. A bebida é que é, em primeiro lugar, o assunto da abordagem. Os gays oferecem e uma conversa é iniciada, caso os garotos aceitem e se aproximem.

3.2.3 Prostituição, performance de gênero e classe

A prostituição na Barra é mais direta e intensa no calçadão, principalmente à noite. A paquera e caça se dão ao longo do calçadão desde o Porto até Ondina. Os pontos onde os gays se concentram são no Porto e em menor escala no Farol e no Cristo da Barra.

A prostituição direta nas areias do Porto acontece de modo discreto, mas perceptível ao olhar mais atento. Na areia, é comum que alguns jovens, negros, másculos e fortes fiquem andando pela praia, como se desfilassem, a cata de alguém que se interesse. Esse desfile é bastante sutil, mas carrega uma aura interessante, pois esses “bofes”, travestidos de uma masculinidade “exagerada”, perambulam de sunga ou calção entre os extremos da praia, entre o Forte de Santa Maria e as pedras ao pé do Forte de São Diogo. Esses rapazes costumam desfilarem demonstrando calculado desinteresse pelos que os observam, caminhando na estreita faixa onde a areia está molhada, mas o mar só alcança pouquíssimas vezes. É comum as pessoas não colocarem cadeiras de sol ou sombreiros nessa região, definindo uma privilegiada passarela para os bofes e desfrute do visual dos corpos.

Caso esses rapazes percebam o interesse de alguém que possa ser abordado, começa um jogo de olhares. Dependendo do garoto, os sinais podem conter discretos toques na sunga, de modo que o rapaz possa evidenciar o volume de sua genitália e atrair “pretendentes”. Recorrendo a Perlongher (1987:22), este modelo de prostituição recorre a um desempenho de papéis enquadrados no modelo bofe/ bicha. Há uma performance de gênero absolutamente contrastante nesta relação. Os rapazes se mostram ou fazem questão de ostentarem uma macheza, uma masculinidade exagerada, enquanto as “bichas” que os cortejam fazem questão de ostentarem um papel de quem espera deles esse comportamento, por não conseguirem assim sê-lo. O michê, com sua masculinidade exagerada, evidencia e valoriza uma possível macheza – performance viril-, oferecendo à bicha o que tanto a interessa, de acordo com esse jogo,: a conquista de uma masculinidade que não possui. Embora esta visão possa parecer reducionista, para as bichas mais velhas estudadas por Peter Fry e confirmadas por Perlongher (op cit 23), era inadmissível um bofe ser passivo ou transar outro bofe nos anos 1980.

Essa assunção de papéis, na qual michês ostentam uma masculinidade diante de outros homens que ele enxerga como clientes e que estaria interessado

em seu membro, símbolo máximo da masculinidade representante da sociedade patriarcal, não leva em consideração a masculinidade/ macheza do cliente bicha, portanto não masculino, mais uma vez igualando feminilidade a passividade. Ao lado desse tipo de abordagem parece haver outro, mais sutil no nível da abordagem e da personificação do masculino e do feminino. Pode acontecer de o garoto perceber o olhar de interesse dos que estão bebendo e tentar iniciar uma conversa, interessado no desfrute da bebida. Esse tipo de abordagem esconde um outro tipo de negociação, que não envolve uma abordagem em termo de oposição de papéis de gênero, mas sim a oposição de classes.

3.2.4 O circuito de jovens surfistas não assumidos

Além da praia do Porto e de seu calçadão, toda a orla da Barra oferece praia com possibilidade de paquera para homossexuais. Próximo ao Farol e ao Cristo, é possível tomar banho de mar e encontrar gays. Na região do Farol, há muitos estrangeiros e alguns gays. É uma região onde a maior heterogeneidade dos grupos faz com que os gays sejam uma minoria, embora continuem visíveis. Para os mais jovens e adeptos da prática do surf, o mar próximo ao Cristo é mais frequentado. Nessa região, surfistas e adolescentes se encontram para a prática do esporte. Embora não se possa dizer que haja um grupo fechado de surfistas homossexuais, dois frequentadores da região (Pablo e Filipe), contatados via internet³¹ e visitados durante três sessões de surf assumiram manterem um romance. Pablo tem 19 anos³² e estuda em Ondina. É morador da região da Barra e já ficou com outros meninos, inclusive dentre os surfistas. Ele afirma que, embora não haja uma consciência gay, muitos meninos *“curtem sem problemas e não estão interessados em rótulos. Os meninos querem mais é beijar e serem felizes”*. Para Filipe, 17 anos, morador de Ondina: *“eu ainda não sei se posso me dizer gay, por que fico com meninas. Mas gosto muito do Pablo e estou feliz. Ele tem uma coisa que me deixa louco. Se isso for ser gay, então, eu serei gay enquanto estiver com ele. Se outro menino me fizer isso, serei gay também com ele”*. Para ambos, boates e locais

³¹ Como não pude encontrar outro expediente para me aproximar desses jovens, recorri a contatos na Internet e, a partir de algumas conversas que garantiram o anonimato, estes jovens aceitaram levar este pesquisador para conhecer o grupo. Poucos dos entrevistados souberam do intuito da pesquisa. Como método de ação, preferi esconder o meu papel de pesquisador durante a observação dos territórios. Para todos os contatados, eu era um amigo de alguém e estava conhecendo o lugar, quando era introduzido por terceiros em algum grupo.

³² Estes dois entrevistados foram contatados por volta de Dezembro de 2006.

exclusivamente gays estão descartados: “eu já fui em uma boate, mas é muito chato. Um monte de caras iguais, todos com um jeito de bicha, que é meio engraçado, mas não me atrai. Além do que, meu estilo é bar com a galera, onde tenha uma musica mais legal e dê para tomar cerveja e conversar, ouvir um rock”, diz Pablo.

Para Filipe, as coisas vão no mesmo sentido: “não gosto desse pagode eletrônico que toca nas festas de gays. É muita mulher gritando e os caras dublando. Sei lá, todo mundo faz a mesma coisa, tem o mesmo jeito. É tudo homogêneo e a gente ainda sai fedendo a cigarro. Nem da tesão de abraçar o cara. (...) Também tenho que fazer malabarismo para entrar, por que ainda sou de menor. Uso identidade do meu irmão, que é mais velho do que eu, mas mesmo assim, não valeu a pena. Fui duas vezes na boate e uma numa rave. Para quem gosta de som eletrônico de verdade, é decepcionante. Para quem curte outros sons, é chato. Eu ainda prefiro ficar com minha galera e tomar uma em um lugar onde a gente possa ficar de boa”.

Embora não se digam gays e nem sejam assumidos - segundo eles, três pessoas sabem³³ -, a fala dos dois indica uma tentativa de aproximação de um estilo de vida homossexual baseado em diversão noturna ligada a boate e lugares com um tipo específico de som. Essas falas também indicam uma introdução ao meio homossexual limitado pelo curso da vida: eles são jovens e o que parece distanciar os dois é, em ambos os casos, o choque com uma performance distante da que estão acostumados. Para eles, aparentemente, o problema não é a homossexualidade em si, e sim a distância entre este estilo homossexual que eles conheceram e o estilo que desejam adotar. Para ambos, um bar que tenha um som diferente e onde possam encontrar os amigos é suficiente. Quando questionados se freqüentariam um bar gay de rock onde os amigos deles topassem ir, ambos afirmaram que, se os amigos fossem numa boa, sem se preocuparem de ficarem falados, e onde os caras não ficassem dando em cima, eles não teriam problema.

2.2.5 A Off Club: expressões de classe e estilo na pista de dança

³³ Das pessoas que sabem, dois são amigos do surf e a namorada de um deles. Todos costumam sair juntos à noite e se consideram entre si os melhores amigos.

Dentre as opções de lazer noturno, a Boate Off Club é a principal opção de gays e lésbicas, de classe média alta, na faixa dos 18- 35 anos. É cara para os padrões médios: custa, no mínimo, vinte e dois reais por pessoa, incluindo entrada e uma consumação mínima obrigatória de cinco reais. Aberta no ano de 1999, a Off nasceu como uma opção para os órfãos da Club Mix Ozone, que ficava no Dois de Julho e teve como uma das donas a dona da Off. Essa boate já foi apontada por gays mais velhos e por pessoas mais pobres como a “boate das bichas do nariz torto” ou “a boate das bichas bicudas”. Enfim, a Off é o templo de um grupo de homens gays que não se autodenomina “entendido”. Os freqüentadores parecem muito mais ligados à uma ideologia do “gay friendly”³⁴ ou gls. A palavra que parece mais adequada para eles é gay ou homossexual, segundo um freqüentador habitual. Segundo este mesmo entrevistado, a Off é a boate dos “modernos”. Para ele, um gay moderno “namora gays e não heterossexuais”. Os gays “modernos” não se encaixam num modelo onde o passivo é estigmatizado e submetido social e economicamente ao ativo. Não há a oposição bofe x bicha.

A preparação para ir à Off é muito detalhada. Primeiro, por causa da aparência. Para ir à Off e se sentir integrado, é preciso ser jovem, na faixa dos vinte aos trinta anos, classe média alta, vestir roupas caras e de grife. É preciso que você seja bonito, integrado estilo global ligado à identidade gay: deve ser jovem e musculoso – não raro às custas de anabolizantes –, deve gostar do som bate estaca e repetitivo, com divas cantando e gritando em inglês. Ser branco ajuda muito. Os poucos negros aí vistos como consumidores ressaltavam ao extremo elementos da negritude: cabelos de trança, torso nu e musculoso, além de roupas que valorizam um lado étnico mais “moderno”. Entre os empregados da boate, os negros são maioria, exceto pelos recepcionistas da boate. No fundo, penso que a integração desses negros consumidores não se dá pela assunção de elementos da etnia e sim pela assunção de um padrão de consumo: ou eles são ricos e ostentam uma negritude rica e acima de tudo “moderna”, como todos os que se sentem integrados, ou estarão fadados a se comportarem como os outros, os não integrados. É o lado mais interessante da convivência na boate: todos se conhecem por freqüentarem o mesmo lugar, mas se não se comportarem de acordo com um estrito padrão de

³⁴ Expressão em Inglês que indica a ligação com a cultura gay internacional.

comportamento, ligado a hábitos de consumo global, não se sentirão como participantes dessa “comunidade”.

Entre as mulheres, a denominação é um pouco mais fluida. “Lésbica” parece ser uma palavra “muito pesada”, segundo as próprias garotas e “sapa”, diminutivo de sapata, é o mais corriqueiro. As “sapas” são meninas jovens, quase adolescentes, com um ar de moleca e jeito doce. Diferem um pouco das “entendidas” do Beco dos Artistas por não usarem cuecas à mostra. Aqui, vestidinho e minissaia são mais comuns. Embora seja predominante um público gay de idade inferior a 35 anos, há muitos freqüentadores de idade superior a isso. A freqüência da boate, em dias de sábado, o dia mais populoso, é em média de 600 a 700 pessoas, entre gays (mais de 60 por cento), sapas (35 por cento) e 5 por cento divididos entre heteros e drag queens.

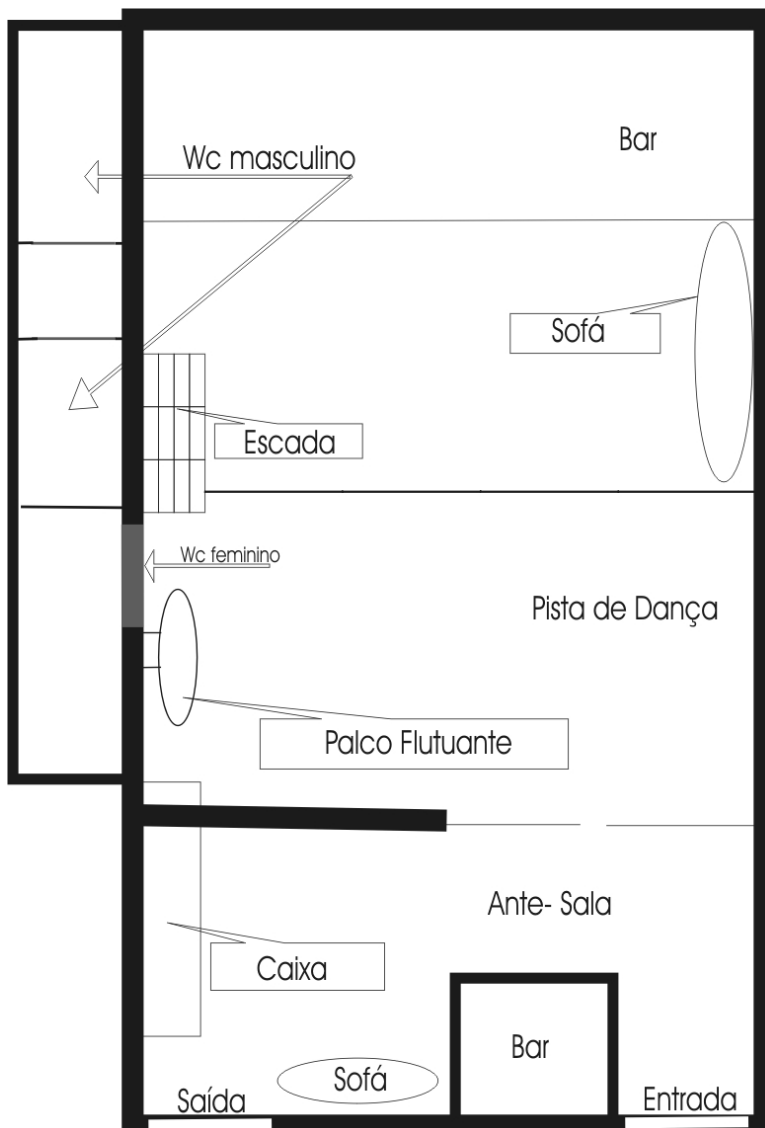


FIGURA 3: MAPA INTERNO DA OFF - TÉRREO

A divisão física da Off é inicialmente marcada por dois andares. No térreo (figura 1), fica um bar em estilo americano, logo ao lado da entrada. Entre o bar e a porta de saída, ficam alguns pufes onde as pessoas podem relaxar longe da pista. Como se vê na figura (1), este espaço é a ante-sala da boate. É possível relaxar, pois o som da pista não é transmitido para essa sala. Aí, na parede esquerda de quem entra está o caixa e chapalaria da boate.

Ao lado do caixa está uma parede onde foi montado um mostruário no qual são colocadas propagandas da programação das próximas semanas. A fronteira entre essa sala e a boate propriamente dita é uma porta de vidro. A decoração mistura tons de prata, preto e cores quentes como vermelho, laranja e rosa, alternados com as outras cores do arco íris.

Atravessando-se a porta de vidro, entramos na primeira pista da boate, que fica no andar térreo. É um espaço bastante agradável para aqueles que não gostam da aglomeração da pista no andar superior. Na parede esquerda, no alto, fica uma pequena plataforma, onde alguns dançarinos fazem show. Nesse lado também fica o banheiro feminino. Pouco depois da pista térrea, fica o bar. Um degrau de desnível entre essa pista térrea e o espaço do bar faz com que o andar térreo seja dividido em duas áreas. A primeira, logo após a pista de entrada, considerada a pista de dança do andar térreo. Um pouco depois da pista de dança do andar térreo, ou um degrau acima, está a área de abrangência do bar. Nesta região, segundo um entrevistado, estão os gays que estão a fim de caçar, conversar e fazer amizade. Segundo ele, os que aí se localizam estão muito mais interessados em paquerar do que qualquer outra coisa. Não deixo de dar razão ao entrevistado. De todos os ambientes da boate, este é o único onde as pessoas costumam dançar pouco ou não dançar. A proximidade com o balcão do bar faz com que as pessoas se dediquem a beber. Esse foi o lugar onde observei a maior concentração de pessoas fora do padrão de beleza que se espera encontrar na Off. Nesta área, está o maior número de pessoas de idade acima dos trinta e cinco e seus pretendentes, jovens na faixa dos 20 aos 25 anos e pobres.

Do lado esquerdo, fica a escada que dá acesso ao piso superior e o acesso aos banheiros masculinos. Os banheiros ficam em um pequeno corredor onde, de frente um para o outro, estão dois banheiros apenas para os homens. No banheiro do lado esquerdo ficam as pias e os espelhos e duas cabines de porta semitransparente. Isso dificulta a entrada de casais nas cabines para a prática de sexo, algo muito comum em ambientes gays. No banheiro em frente fica um mictório e uma cabine, igualmente com porta semitransparente. Os banheiros ganharam essa configuração na última reforma da boate. Antes dessa reforma, havia certa pegação nos banheiros ou uma paquera mais explícita. Atualmente, nada disso acontece. Na parede oposta aos banheiros, no lado direito do bar, ficam duas mesas e um sofá. Aí, é comum que as pessoas descansem da ferveção ou mesmo esperem chegar a hora em que os ônibus da cidade voltem a circular para que possam voltar para casa.³⁵

Através de dois lances de escada de alumínio, de um metro de largura, chega-se ao andar superior da boate. Para compreender esse espaço, é preciso que se preste bastante atenção à figura (2).

³⁵ Essa fala é de um outro entrevistado. Segundo ele, os mais pobres e os que moram longe, por não terem carro ou dinheiro para táxi, costumam matar o tempo descansando ou mesmo cochilando até dar a hora de os ônibus voltarem a circular pela cidade.

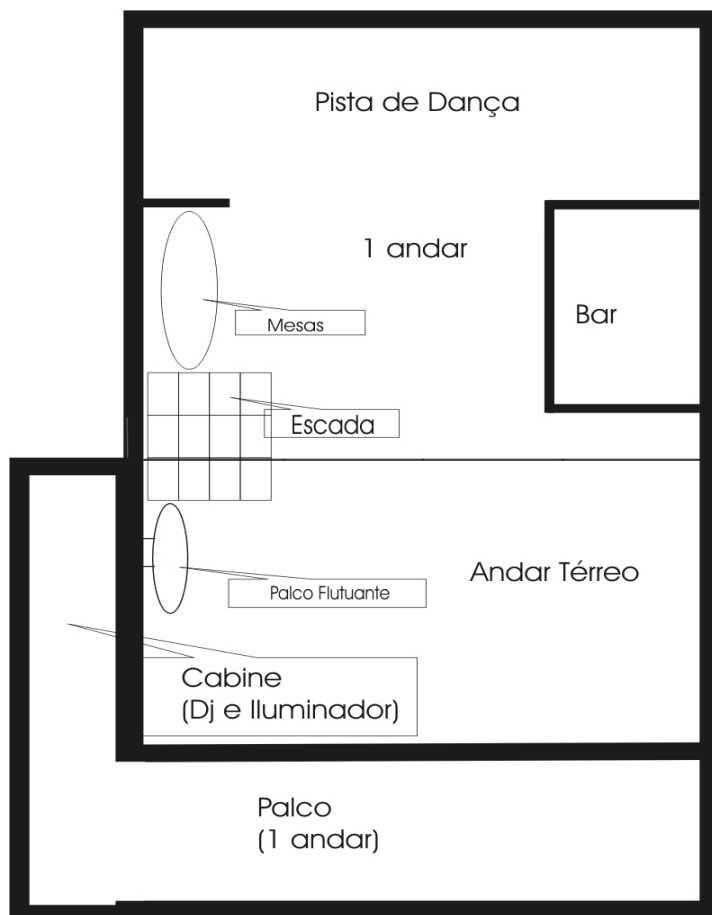


FIGURA 4: MAPA INTERNO DA OFF – 1º ANDAR

Assim que deixamos a escada e nos dirigimos em direção à pista de dança, deixamos às nossas costas o palco principal da boate. Nele, se apresentam os dançarinos e as *drag queens* em seus shows de humor. Há um enorme fosso separando o palco da pista de dança. À esquerda do palco e de frente para o fosso fica a cabine reservada ao *dj*. Com essa distribuição espacial, a boate dá ao *dj* uma visão privilegiada tanto do primeiro andar, que está no seu nível, quando do andar térreo, através do fosso. O andar superior da *Off* também é dividido em dois. Assim que subimos, chegamos a um enorme salão, que fica pequeno e apertado para a circulação, tamanha é a aglomeração de pessoas no andar superior. Perpendicular a esse salão, na parede do lado direito, está o bar. Neste bar, as pessoas menos integradas ao ritmo e a ideologia dançante se encostam e observam. Pelos cantos deste espaço mais alguns excluídos: gordinhos e mais velhos, acima dos trinta anos.

Um pouco mais à frente, na entrada da pista, fica um grupo de homens tatuados, másculos e jovens, todos exibindo seus torsos nus. Não estão

propriamente na pista de dança, nem fora dela. Para quem observa a dança destes rapazes, a impressão é de um balé, de contornos dionisíacos: homens, jovens e bonitos, dançam todos um só ritmo, da mesma forma. Todos se tocam, tal é a proximidade entre os corpos. Não há um erotismo explícito entre eles, mas há toda uma sensualidade para os que vêem. Essa observação é um tanto dúbia, pois é preciso se reconhecer nesta cena, desejar ser igual a eles. Para os que não conseguem, resta o voyeurismo ou a angústia de não se encaixar no padrão.

A pista de dança da boate é um pequeno salão com as paredes forradas de veludo preto e iluminação diferenciada de todo o resto da boate, Na pista, o clima é o mais narcíseo possível. Não há casais dançando juntos. Os que aí dançam, o fazem separado. Os casais só são encontrados pelos cantos da pista ou juntos à paredes, aos beijos e abraços. A maioria absoluta dos que freqüentam essa pista são os chamados “antenados”: são jovens, bem vestidos e nem sempre gays assumidos. As mulheres são minoria absoluta neste espaço. Os mais velhos nem aparecem.

A despeito da alcunha de “boate das bichas de nariz torto”, dado há anos atrás, a Off tem se mostrado cada vez mais popular. Com a popularização da Internet nos últimos cinco anos, muitas pessoas acessam o *web site* da boate e se inscrevem para ter entrada gratuita em algum dia. Como a distribuição das entradas é por sorteio, muitas pessoas mais pobres ou que não poderiam pagar a entrada acabam tendo acesso à Boate. Além desse expediente, alguns dos funcionários da Off responsáveis pela distribuição dos “*vips*” ou “*free-pass*” (entradas gratuitas) acabam distribuindo entre amigos que repassam a outros amigos. Uma funcionária da boate certa vez chegou a dizer a este entrevistado: “ta ficando cada dia pior o público da Off! Estão dando vip a qualquer um! A gente feia, a pobre e a gente que nem gosta da boate. Tem muito vip pelo e-mail também. Dessa forma, nem dá para ter uma clientela selecionada. Está indo qualquer um. Quando eu distribuo vip, eu só dou para pessoas bonitas e ricas, para elevar o nível da casa. Gente do Beco não iria se não tivesse dinheiro para pagar”. Embora esta posição revele certo preconceito com relação a freqüentadores do Beco, é inegável a popularização do público da Off. Cada vez mais, pessoas vindas de bairros populares da periferia (Cajazeiras, Boca do Rio, Paripe, São Rafael, Brotas, entre outros) são vistas na Off.

Em um site de relacionamentos, recentemente³⁶ uma enquete tentava mapear a origem dos freqüentadores da boate que freqüentavam aquele site e, ao lado de bairros próximos como a Barra, Graça, Rio Vermelho e Ondina, outros bairros entre os citados apareciam como origem dos freqüentadores, principalmente Liberdade, Imbuí, Cabula, Ribeira e São Caetano. O principal meio de transporte parece ser o carro próprio ou de amigos. Muitas pessoas utilizam caronas e ônibus. Para sair da boate, muitos se utilizam de táxi, quando não é possível voltar de carro. Para os que só podem usar o ônibus, o expediente utilizado é esperar amanhecer e pegar a condução por volta das 6 horas da manhã. Geralmente, muitas dessas pessoas também são as que chegam mais cedo na boate, por volta da meia-noite, para não perderem o vip, que só vale até esse horário.

3.2.6 O mercado de lazer noturno na Barra: as outras boates e os bares

Além da Off, nos últimos anos a Barra teve outras das boates, situadas no mesmo local. A primeira a abrir foi a Gloss. De propriedade do cantor Edson Cordeiro, homossexual assumido, durou cerca de um ano. Seu público era mais popular do que o da Off. Depois de a Gloss ter sido fechada, foi aberta no local a boate “Festa”, que logo depois foi substituída pela “Escândalo”. Aberta já se destinando a assumir um público ainda mais popular e jovem, órfão da Gloss. Essa boate também durou cerca de um ano. Desde então, nada mais ocupou seu espaço. O público que parecia freqüentar aquela boate era, na verdade, um misto entre o que atualmente freqüenta a Off e grande parte dos freqüentadores do Beco dos Artistas, muitos negros e alguns brancos mais pobres. A classe alta mais velha não costumava freqüentar aquele local.

A Rua Dias D’Ávila, mais conhecida como Beco da Off tem se consolidado como um espaço de comércio noturno ocupado quase exclusivamente por gays. Além da boate, os arredores da mesma passaram a contar com mais bares com cadeiras na calçada. Ao lado desta boate um bar serve de ponto de encontro e aquecimento para a entrada dos jovens na boate. Nesse, jovens e moças na casa dos 18 aos 30 anos tomam cerveja enquanto paqueram. Para os mais velhos e mais

³⁶ Maio de 2007

ricos, na faixa dos 30 e 55 anos, a opção é pelo Bar Da Vinci, que fica na rua atrás da Off, mais próximo de onde funcionou a Gloss/ Escândalo.

Na região do Porto mais recentemente – período 2005-2006 – surgiram dois bares freqüentados pelo público homossexual de classe média-alta. Inicialmente, foi aberto o “bar do Tom. Administrado por um gaúcho recém chegado à Bahia e situado em frente à Antiga Associação Atlética da Barra, este bar durou cerca de sete meses e foi bastante freqüentado por um público de classe média alta de variadas partes da cidade. A ida ao Bar do Tom muitas vezes servia de preparação para a ida à Off. Os amigos se encontravam, tomavam algumas bebidas e, de lá, partiam para a Boate. Meses depois, o Bar fechou e seu dono passou a administrar o Barraco, que já era um restaurante aberto na rua principal do Porto. Com a nova administração, o Barraco deixou de ser um restaurante e se tornou uma casa de shows muito apreciada por jovens homossexuais de classe media-alta, na faixa dos 18-30 anos. Durante o verão 2005-2006, foi a casa de maior destaque na noite gls soteropolitana. Seus freqüentadores eram oriundos dos mais diversos pontos da cidade, atraídos por shows de axé, *dance music* e samba de bandas emergentes em Salvador. A cantora Simone Sampaio, conhecida por ter escolhido e assumido o público gay como seu preferencial, fez uma temporada de ensaios de verão, com shows bastante concorridos e muito comentados entre os gays mais jovens da cidade. Tempos depois, a casa fechou. Alguns citam os altos preços praticados, outros a falta de uma estrutura de boate para explicar o fechamento da casa. Durante a pesquisa, pudemos constatar que, a julgar pelo número de freqüentadores vistos durante as visitas desta pesquisa ao local, a casa teria bastante sucesso entre um público que não costuma ir à boate. Isso se explicaria pela escolha do som e das atrações que ai se apresentavam. Mas, ao mesmo tempo, sempre foi possível notar entre os freqüentadores um descontentamento com o preço das bebidas, com a entrada cobrada e com a consumação mínima. Para os mais jovens, os maiores freqüentadores da casa, todas essas taxas eram desestimulantes, já que eles não trabalham e, muitas vezes, não dispõem de tanto dinheiro para gastar em diversão noturna.

3.3 A Orla: Praia, música, e identidade gay soteropolitana

3.3.1 A Praia dos Artistas e o Originally: identidade gay global e música local no circuito do domingo

Esta praia é a principal referência gay da região da orla atlântica de Salvador e existe desde a década de 70. Segundo Luiz, 60 anos, historiador, esta praia tem esse nome pelo seu caráter boêmio: *“assim como o Beco dos Artistas, essa praia recebeu esse nome pela sua ligação com o público gay. Como a cidade ainda não estava tão consolidada na direção da Orla, aquela região era muito deserta. Aí os gays e ‘os artistas’ encontraram um lugar discreto e agradável para seus encontros românticos”*. Ainda hoje, a Praia dos Artistas é um forte referencial para o público gay da cidade, principalmente das classes média e baixa.

A praia aqui referida é um aglomerado de quatro barracas em funcionamento e mais duas barracas fechadas, localizadas em frente a um pequeno centro comercial na Boca do Rio, próxima ao Clube do Bahia. A extensão ocupada por estas barracas não chega a cem metros. O mar é agitado e as barracas são isoladas, o que garante anonimato e discrição para os freqüentadores. Para os que estão na rua, andando de carro ou a pé, não é possível enxergar os freqüentadores, pois as barracas ficam em um nível mais baixo do que a rua e atrás de dunas. Só é possível ver o telhado das barracas e duas grandes bandeiras do arco-íris colocadas nas barracas. Um aspecto bastante interessante acerca destas barracas é a visibilidade das suas bandeiras. Em poucos espaços da cidade – como no caso da lavanderia na Graça e um hotel na Barra – estas bandeiras podem ser encontradas. Na verdade, poucos espaços ditos “gays” assumem a bandeira e a empunham em suas fachadas. Quando questionada, Marta, 35 anos, dona de uma boate afirmou: *“em Salvador, as pessoas não entendem a importância da bandeira. Todo mundo que vem à boate está acostumado e sabe que a boate é gay. Então, não preciso informar e nem colocar a bandeira”*. Para Ricardo, estudante, 19 anos, a bandeira na praia não faz diferença: *“olha, essa coisa de colocar a bandeira não me incomoda. Sei que é um símbolo internacional, mas quem está interessado nisso? As pessoas querem é um lugar para beijar e que não chame a atenção”*. A fala é emblemática: para ele, as bandeiras ostentam uma homossexualidade pública, que nem todos querem. Ele continua: *“Não é por ter problema em ser gay. Mas é que minha família*

não sabe. Por isso, apesar de alguns amigos saberem, eu evito deixar transparecer. Não quero dar esse sofrimento para minha família”.

A despeito do grau de assunção das pessoas, as barracas da Praia dos Artistas estão sempre cheias, principalmente nos finais de semana de verão. Durante a semana, o movimento é mais fraco, porém é significativo para as barracas. Aos sábados, a frequência é incrementada, porém perde para o domingo. Nestes dias, as pessoas costumam chegar a partir das 8 horas e ficam até as 22 horas da noite. Como o mar não é dos mais agradáveis para o banho por conta da poluição e da força do mar na região, o forte da praia é o contato com os outros, a paquera e o sol. As origens são as mais variadas possíveis. As pessoas vêm de regiões como Liberdade, Cidade Baixa, Paripe, Cajazeiras, Mussurunga, Barra, Imbuí, Boca do Rio, Rio Vermelho, Brotas³⁷. O meio de locomoção mais comum é o ônibus, seguido dos carros. Poucas pessoas usam o modo a pé; apenas as que moram nas redondezas.

Ao longo do dia, o público das barracas parece variar. Há um grupo realmente interessado no banho de sol. Este grupo chega mais cedo e também vai embora, no máximo, ao final do dia. Geralmente, são casais de namorados e mulheres. Há um segundo grupo de frequentadores, que chega por volta do meio dia. A explicação para a hora de chegada está na possibilidade de a pessoa ter saído no dia anterior. Para os que foram à noite à boate ou a algum bar, é mais difícil estar cedo na praia. O final da noite é tardio e, não raro, termina com o nascer do sol.

O último grupo a chegar a esta praia está interessado na diversão de final de tarde e noite. É o grupo que vai especificamente para aproveitar o som eletrônico e o clima de boate que se instala a partir das 16h00min³⁸. Nesse horário, os garçons deixam de servir as pessoas nas mesas. Caso estas estejam interessadas em beber, estas devem se dirigir ao balcão e pegar diretamente as bebidas. Começa a preparação, com a montagem de uma mesa de som para um dj. Às cinco começa-se

³⁷ Mais uma vez, foram usados dois métodos de coleta para este dado. O principal foi a abordagem direta. Perguntou-se à pessoa: qual a maneira mais fácil de sair daqui, na sua opinião? A partir da resposta a esta pergunta, a conversa era mantida e as pessoas eram perguntadas sobre o modo de locomoção e a procedência. Por essa abordagem direta, cerca de 35 pessoas foram contatadas. O segundo método foi a investigação com usuários de sites de relacionamentos, com a pergunta: “de que bairro você é?”. Cerca de 45 pessoas haviam respondido a esta pergunta.

³⁸ Na verdade, esta opção noturna só apareceu neste local nos últimos dois meses, mas, como se pode notar pela frequência, é bem aceita.

então a tocar música de boate e as pessoas passam a dançar. Na verdade, este cenário se forma apenas em duas das barracas. Uma delas, a mais conhecida, arma todo o cenário, mas o som que toca é de música baiana: axé, pagode e samba. Na segunda barraca, o som é realmente de boate e é o que mais faz sucesso. Cerca de 250 pessoas freqüentam esta barraca todos os domingos. A terceira barraca tem um público semelhante à que oferece som baiano. Cerca de 30 pessoas costumam freqüentá-la após o por do sol. O som nesta barraca é variado, revezando-se entre os estilos predominantes nas outras barracas. O circuito dos freqüentadores destas barracas costuma variar bastante. Algumas pessoas, a partir das 8 ou 9 horas têm a opção de ir ao bar Originally, em Patamares ou ir embora. Para alguns casais formados nestas noites também ocorre a opção de ir aos hotéis da região da orla ou dormir juntos na casa do parceiro.

O Originally é um bar recentemente inaugurado. Ainda não completou dois anos, mas já faz parte do circuito da classe média que freqüenta a orla. É um bar/boate que, inicialmente se dirigia às meninas. Ao longo do período em que esteve aberto, seu público foi se diversificando e os meninos atualmente constituem maioria. Funciona apenas aos domingos, a partir das 17 horas, com bandas tocando axé ao vivo e um som mecânico nos intervalos. Os freqüentadores costumam chegar por volta das 17h30min e se costumam ficar até depois da meia noite. São pessoas de classe média, vindos das mais variadas partes da cidade. Como o lugar cobra entrada de cerca de R\$ 7,00 (sete reais), já há certa estratificação do público. Mesmo assim, é um lugar bastante popular. No verão, costuma ter cerca de 100 freqüentadores por noite. Muitos vão atraídos pela possibilidade de estarem em um lugar fechado, o que garante mais discricção e segurança. Guto, 27 anos, decorador: *“bem, para mim, é indiferente se o lugar é fechado ou não. Como sou assumido, não me importo. Mas meus amigos gostam daqui mais do que alguns bares que ficam em frente às ruas ou que qualquer um pode entrar. Mas confesso que, com segurança na porta e lugar fechado, mesmo os assumidos gostam mais”*. Para as meninas não assumidas, é um ótimo lugar. Vanessa, 26 anos, vendedora, fala: *“eu gosto de ir lá por que poucas pessoas sabem e ainda sinto receio de ser vista na rua. Na verdade, se minha namorada não fizesse questão de ir, eu nem iria. Para mim é melhor ficar em casa, mas reconheço que dá para ficar à vontade e beijar bastante”*.

A despeito da possibilidade de o lugar ser fechado, o que parece realmente fazer sucesso entre os freqüentadores deste local é o som de axé em um local gls e a seleção de público oferecida pela cobrança de entrada. Algumas falas nesse sentido parecem afirmar esta sensação: *“eu gosto por que não é aquele som chato e repetitivo de boate. Aqui, a banda interage com o público. Sem falar que as pessoas são mais interessantes”*. Essa fala de Franklin, 23 anos parece ir ao encontro do que Zezinho, 27 anos também indica: *“além de ter gente mais legal, já que não é qualquer um que entra, é também um lugar com um som diferente”*.

Para nós, estes depoimentos também interessam por explicitar uma tendência interessante: expressam a assunção, por meio de um mercado segmentado e espacialmente delimitado, de uma identidade gay que, ao lado da tendência de se afirmar em locais fechados como em muitas cidades do mundo, também se afirma através do fortalecimento de traços da identidade local. É interessante por que, ao invés de se tornar uma negação das tendências histórica de buscar o isolamento para se afirmar, é uma ressignificação desta tendência. No Originally, o local sustenta uma identidade. É curioso notar isso, quando se percebe também um movimento semelhante, porém peculiar, no som de final de tarde oferecido pelas barracas na Praia dos Artistas. Na praia, elemento forte na constituição da identidade soteropolitana, está sendo assumido como item novo um som que não é o local. É peculiar pois, para nós, é a mesma identidade afirmada pelo público do Originally: neste bar, as pessoas também negam um elemento global – o espaço da boate –, mas não negam a identidade local, representada pela praia e pela música³⁹ (apenas no caso do Originally). Enquanto no Originally o espaço fechado (o bar com segurança na porta e que cobra entrada) a música local ressignifica, no espaço aberto⁴⁰ da Praia a particularidade está na opção pela música global geralmente restrita a ambientes fechados nesta cidade.

Ainda sobre o Originally, a fala de Zezinho, citada no início do parágrafo anterior também revela um viés de classe. O Bar também é interessante por que seleciona seus freqüentadores, através da cobrança de entrada. Um aspecto muito freqüente e observado ao longo desta pesquisa é o forte corte de classe expresso

³⁹ A música típica da Bahia é marcada pela influência da batida dos tambores africanos e pelo samba de roda.

⁴⁰ Aberto por que público e acessível a qualquer um, sem cobrança de entrada. Apesar de estar isolada de outras praias, esta é, por ser uma praia, uma região realmente pública.

nas falas e constatado em campo. Os locais mais concorridos e valorizados são não apenas aqueles freqüentados pelos brancos de Salvador. Os mais desejados são os que selecionam seus freqüentadores através da cobrança de entrada. Para os que podem pagar, é bom se associar a locais “de elite”. Para os que não podem pagar, restam os locais “abertos”, negados por parte da população gls que prefere locais e públicos fechados e “elitizados”. Para Joana, citada anteriormente como entusiasta da moradia na região do Centro, os locais onde se paga para entrar são interessantes por que “*não vai todo mundo. Dá gente mais elitizada*”. Embora a fala dela fosse sobre o bar Camarim, no Beco⁴¹, onde a entrada não é cobrada, a entrevista foi feita no próprio bar, numa época em que era cobrada consumação mínima de cinco reais por pessoa à mesa. Como a lotação média é de quatro pessoas em cada mesa⁴², a conta já se iniciava com um valor mínimo. Não sabemos bem quando esta prática foi retirada, mas não parece que o bar teve problema com seus freqüentadores.

3.3.2 A sauna e os territórios de prostituição na Orla

Além desses locais, também está localizada nesta região uma sauna, recentemente deslocada da região dos Barris. Embora ainda não seja conhecida do público que freqüenta as praias e os bares da região, esta localização não parece ser aleatória. A sauna está inserida em uma região de intensos contatos sexuais fortuitos e parece estar mais ligada ao circuito de sexo anônimo e de “pegação” ligado principalmente ao shopping da região. Esta idéia ganha força a partir da observação de alguns dados de campo. A Orla, apesar da sua extensão, não contava com nenhuma sauna até há bem pouco tempo atrás. Coincidentemente, é ao longo da Orla que alguns pontos de encontros sexuais estão localizados, principalmente no eixo Jardim dos Namorados – Pituvaçu. Embora as atividades sexuais entre homens seja mais freqüente no Jardim de Alah e nas proximidades da Praia dos Artistas, além do Shopping, em toda a Orla há atividade de prostituição e sexo anônimo. Desde o início desta pesquisa, pudemos constatar também pelo relato de entrevistados a intensa atividade sexual que ocorre em torno do

⁴¹ Esta entrevista foi dada no início desta pesquisa, por volta de junho de 2005. Nesta época, problemas como o acúmulo de lixo e comércio informal ainda não eram comuns no Beco. Atualmente, ela não freqüenta o Beco. Prefere o Originally e a Off.

⁴² Embora o bar seja um lugar muito apreciado por casais que querem namorar, nem sempre estes vêm sem amigos.

shopping⁴³. O sexo anônimo relacionado a este local ocorre de três formas. A primeira delas, de forma semelhante ao que ocorre em outros shoppings da cidade, se dá através da paquera nos banheiros. É uma sociabilidade muito comum em grandes cidades e incorpora todo tipo de gente que frequenta o shopping. Um segundo tipo, bastante interessante e peculiar de locais onde o movimento comercial não é intenso, como é o caso do lugar nos últimos dois anos, é a prática dentro das lojas. Alguns funcionários costumam marcar encontros nas próprias lojas. Ramon, vendedor de uma dessas lojas, 29 anos, fala: *“olha, é realmente comum. Eu não sei o que acontece, mas tem algumas pessoas que não se importam. Geralmente, são donos das lojas ou vendedores que aproveitam quando estão sozinhos. (...) O horário preferido é o da tarde e os parceiros podem ser namorados e até clientes do shopping. Conheço um que quase perde o emprego. (...) Como o shopping não é dos maiores, alguns ficam conhecidos. (...) Tinha uma dupla que, quando saiu daqui, o pessoal brincou, dizendo que ia diminuir o movimento do shopping, por que eles eram uma das atrações”*. Um outro tipo de prática muito comum, que não é necessariamente sexual, mas envolve a assunção da identidade gay é o encontro de casais de namorados. Como é um shopping em forma de parque, muitos casais costumavam se encontrar e passear pelas ruas do shopping, algumas vezes com beijos e mãos dadas.

Uma outra forma bastante comum é a paquera (ou caça) de pretendentes nos banheiros e ruas do shopping. Depois desse contato inicial, os casais formados têm a opção de ficarem nos carros ao longo da Orla, principalmente à noite, ou irem aos motéis em Pituáçu, na Avenida Jorge Amado ou no Stiep. Com a chegada da sauna em frente ao shopping, alguns casais, aqueles mais maduros e de pessoas mais assumidas, preferem este local. Para Ricardo, 43 anos, *“a sauna é melhor por que é um lugar gay. Se o cara não tiver problema, é bom por que é perto. Para quem não tem carro ou não quer ir com um estranho em seu carro, é bastante seguro e até barato”*. Como se vê, a sauna não só está localizada em um lugar estratégico, como também legitima e até potencializa a prática. Não podemos deixar de falar que há prostituição também dentro do shopping. Ao longo do dia, a atividade é mais discreta. Porém, com o anoitecer, moças e rapazes podem ser encontrados para sexo com facilidade. Até travestis são vistos dentro do shopping, perambulando e

⁴³ Não nos interessa aqui, detalhar as práticas, e sim explicitar uma realidade ligada a esta pesquisa.

paquerando pelas lanchonetes e praças. Estas são mais assíduas nos finais de semana à noite e não costumam se colocar em pontos fixos, embora também se misturem aos freqüentadores das casas de shows, bares e praças de alimentação.

3.4 A dinâmica do mercado gay: acarajé, boemia e novos circuitos no Rio Vermelho

Bairro tradicionalmente boêmio, o Rio Vermelho já contou com alguns bares freqüentados por homossexuais, a exemplo da Toca do Caranguejo. Atualmente, este bairro abriga dois estabelecimentos que parecem configurar uma nova mancha dentro do circuito de lazer de gays da classe alta. Atualmente, além das opções de música e acarajé nas praças, que sempre atraíram os gays, o bairro conta com um bar e um bar/boate que têm entre os homossexuais seus principais clientes. Ambos foram abertos recentemente e estão em pleno funcionamento há menos de um ano.

O Bar Babalootim é o mais novo dos bares do chamado circuito GLS de Salvador. Está Situado próximo à MacDonaldis do Rio Vermelho, em frente à Cia da Pizza, no local onde antes funcionou o Bar Toca do caranguejo. Funciona de terça a domingo. Sua clientela é maior as sextas e sábados. Às sextas, a casa costuma encher mais cedo. Embora aberto desde as 19hs, o público começa a encher a casa apenas a partir das 20 h. É um espaço que, nesses dias, serve de aquecimento para o público que vai a boates e *raves* em outros locais. As sextas, o público geralmente se divide em dois turnos.

O primeiro turno é o das pessoas que saem diretamente do trabalho e vão fazer um *happy hour*. Às vezes, as pessoas chegam sozinhas e se enturmam por lá. Esses geralmente trabalham nas redondezas ou passam pelo bairro no caminho de volta para casa. É um pessoal vindo de bairros como Barra, Ondina, Amaralina ou Pituba. Outra parcela, que geralmente chega em turmas, de carro com algum dos integrantes do grupo, parece vir de distâncias maiores, mas igualmente bairros considerados nobres: Itaipara, Horto, Campo Grande. A maioria, mais de 60%, segundo o guardador de carros da rua, usa carro próprio ou vem de carona com amigos. O resto usa táxi e quase nenhum ônibus parece ser utilizado pelos freqüentadores desse horário entre 19-21hs. O segundo turno é o dos freqüentadores que saem de casa em busca de diversão e passam a noite, ou pelo

menos ficam até depois do início da madrugada, por volta das duas da manhã. Esse grupo se divide entre os que ficam no próprio bar e os que vão às boates, principalmente ao Boomerangue, as sextas.

Embora o bar não cobre couvert ou consumação mínima, seu público pertence às camadas mais altas. Isso está relacionado ao preço de suas bebidas. Em média, uma cerveja custa quatro reais, o que causa certo desconforto em alguns. Para estes, o preço abusivo das bebidas em lugares freqüentados por homossexuais e a cobrança de entrada é uma espécie de extorsão. Para a maioria, o mais importante é a seleção de público proporcionada, como já discutido anteriormente.

A Boate/ Bar Boomerangue foi aberta onde antes funcionava uma boate freqüentada por um público heterossexual de classe alta. Situada na região da rua da Paciência, esta casa de espetáculos começou oferecendo, às sextas feiras, uma festa dedicada à música eletrônica com um coletivo de djs conhecidos do público gls. Depois de alguns meses, este dia tornou-se, entre os homossexuais mais jovens e mais ricos, o dia de ir ao Boomerangue, muitas vezes após uma passada pelo Babalootim. Começa a encher após a meia noite, o que está relacionado com o uso do carro. Duas questões são interessantes do ponto de vista da afirmação da identidade gay ligada ao local. O primeiro ponto é que, enquanto a maioria do seu público era heterossexual, e a direção da casa estava sob o comando de outro dono, a cor predominante na decoração era o branco. Atualmente, após a reabertura e o direcionamento para as festas gls, a casa está toda decorada em tons escuros, predominando o preto e o vermelho. Embora conte com dois andares e festas de estilos diferentes aconteçam simultaneamente, o público fiel da casa parece ser realmente o público homossexual e o número de eventos destinados a este público tem aumentado. Ao mesmo tempo em que acontece o surgimento deste circuito Babalootim-Boomerangue, com um público de alto poder aquisitivo, as discussões em torno da popularização do público da Off se tornam mais acalorada. Voltaremos a esse assunto no próximo capítulo.

4. É possível falar em gueto gay em Salvador?

A partir da análise da concentração dos estabelecimentos e da distribuição dos territórios freqüentados por homossexuais em Salvador, foi possível perceber uma territorialização esparsa, porém consistente ao longo da cidade. Esparsa por que esta ocupação homossexual é presente em várias grandes regiões especializadas de acordo com características de seus freqüentadores⁴⁴ e com a lógica dos serviços⁴⁵ ofertados.

Foi possível perceber que existem três grandes áreas notáveis de concentração de áreas e estabelecimentos gays. Chamaremos estas regiões de “manchas”, tal como descrito por Magnani e apresentado no primeiro capítulo deste trabalho. Como discutido anteriormente, o que define as manchas é a presença em áreas próximas, mas nem sempre contíguas, de serviços destinados à realização de um “estilo de vida” em determinadas áreas da cidade. Nem sempre ligadas a grupos minorizados, as manchas estão relacionadas a uma especialização funcional dos espaços, sem abarcar a ótica da segregação/ inclusão dos seus freqüentadores. Diante dessa constatação, nos parece ainda pertinente a discussão acerca da validade do gueto.

A diferença entre as manchas e os guetos defendidos por Wirth é que, enquanto os guetos parecem tender ao fechamento em si mesmos, as manchas são abertas. Nelas são realizadas diversas atividades que, embora não tenham relações entre si, usam os mesmos espaços físicos. Uma mancha só tem significado se for reconhecida como parte de um processo de uso do espaço por grupos específicos que, de posse de determinados atributos culturais comuns, dão novo significado à experiência de estar no espaço da cidade⁴⁶.

A diferença entre os territórios e as manchas é que nos territórios importa a concentração e a contigüidade espacial de atividades e funções. As manchas são espaços de concentração próxima, mas não contígua. Há identidade e

⁴⁴ Tipo de freqüentadores de acordo com o sexo/ gênero, idade, classe, cor/etnia

⁴⁵ Estes serviços podem ser de diversão, moradia, assistência social, entre outras características. Uma divisão interessante é o de serviços “do dia” e “da noite”.

⁴⁶ No caso de Salvador, no Centro Histórico, enquanto durante o dia certas ruas servem ao comércio popular, a noite, estas mesmas ruas servem de território da prostituição.

complementaridade entre as funções no interior de uma mancha, mas nem sempre há concorrência. Outra distinção é que os territórios, para nós, são as unidades espaciais que compõem as manchas. Eles estão contidos nas manchas, embora também surjam territórios esparsos, dissociados de manchas.

O que nos faz considerar certas unidades espaciais isoladas como um território e não uma mancha são as características que consideramos básicas para cada um deles. O território é a unidade do espaço especializada em funções específicas e reconhecida por estas funções: território de bares, de prostituição, de boates, de praias, etc. Muitas vezes, um único estabelecimento, numa rua ou numa praia isolada, se constitui como um território. As manchas agregam territórios com funções que se complementam. Os territórios agregam estabelecimentos concorrentes. Para Magnani, estas unidades espaciais que denominamos de territórios seriam chamadas de “cenários”. Não consideramos o termo adequado, pois o próprio autor nos dá a razão. Para ele, o cenário é muito mais do que o “palco” onde as atividades estão localizadas. Para nós, o território também é mais do que um palco; ele é um *espaço*, como dito antes, *dotado de significado cultural*. Mas um espaço é uma unidade física e não podemos dissociar as práticas dos locais onde elas ocorrem.

Foram abertos também, nestes últimos oito meses, dois estabelecimentos que estão deslocando o centro das atenções de rapazes e moças homossexuais de classe média, na faixa dos 18-30 anos, no Rio Vermelho. Trata-se do embrião de uma nova mancha, que será discutido após a apresentação destas manchas já consolidadas.

a) Mancha Centro Histórico, Barris, Campo Grande

É a região que, geograficamente, engloba o Centro Histórico/ Pelourinho, Avenida Carlos Gomes, Avenida Sete, Dois de Julho e Campo Grande. Há uma grande diversidade de serviços de bares, saunas, “espaços de pegação”, territórios de prostituição, cinemas, boates e uma concentração residencial esparsa, principalmente nos bairros Dois de Julho e Barris. Nestes espaços convivem e se encontram populações marginalizadas, professores universitários e seus alunos,

boêmios, artistas, militantes de causas diversas⁴⁷, e profissionais do sexo (masculinos, femininos e travestis que se prostituem).

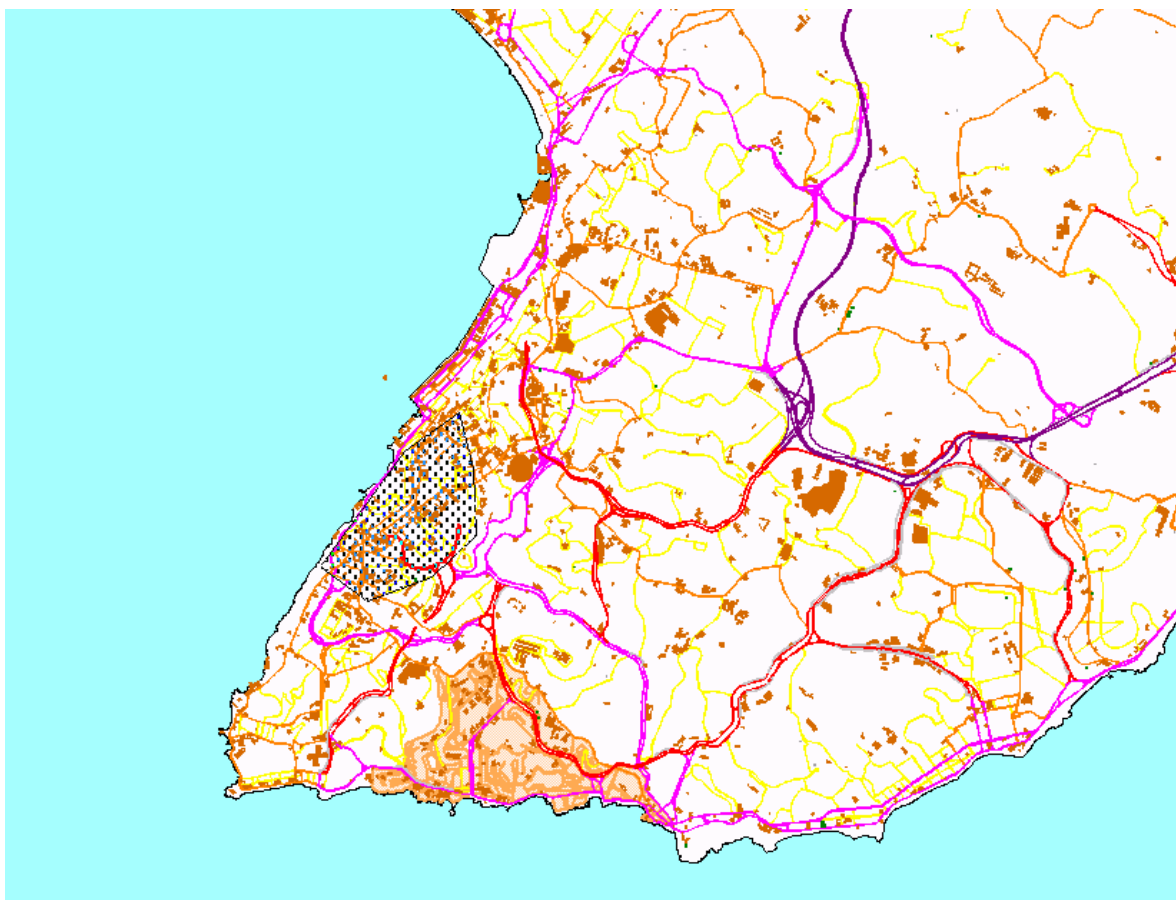


FIGURA 5: MANCHA CENTRO

Nesta chamada mancha Centro encontramos importantes instituições ligadas aos direitos humanos e à militância homossexual. Em meados do ano de 2006 surgiu, na área do comércio informal de discos e dvds da região da Piedade, uma banca onde são vendidas obras tidas como “cult” e de “interesse dos gays”. Na banca – na verdade, trata-se de uma lona onde os filmes podem ser expostos na rua – pude encontrar filmes raros, alguns com temática homoerótica, filmes abertamente pornográficos, séries americanas de sucesso entre os gays⁴⁸, dvds de shows de cantoras de sucesso entre o público gay tanto adolescente (música pop americana) quanto o público apreciador de grandes cantoras da música popular brasileira, como

⁴⁷ Militantes ligados aos Movimentos Negro, Homossexual e Feminista, a Partidos Políticos e Sindicatos

⁴⁸ Uma destas séries é “*Queer as Folk*”, que narra de forma explícita o cotidiano de um grupo de amigos gays em uma cidade norte-americana.

Maria Bethânia, Gal Costa e Elis Regina⁴⁹. Entre os compradores da banca, pude observar gays notórios. Um dado interessante a ser notado é que o preço dos filmes é cerca de três vezes maior em relação a outras bancas de “cds e dvds piratas”. Segundo seu dono, o que justifica este preço é a raridade das obras e a possibilidade de adquiri-las por encomenda. Também são encontradas três saunas nesta região. Elas estão distribuídas de forma mais ou menos próxima. É possível se deslocar entre todas elas a pé. Uma está no bairro Dois de Julho e as outras duas saunas estão situadas entre os Barris e a Piedade. Há também uma série de bares e restaurantes, no Pelourinho, Dois de Julho, Avenida Carlos Gomes e Campo Grande.

b) Mancha Graça – Barra

Esta mancha engloba uma grande área que poderia ser dividida em duas, não fosse a proximidade e a complementaridade das atividades nelas desenvolvidas. É a região que, geograficamente, engloba a Graça, na extensão de suas ruas principais, ao longo da Euclides da Cunha e suas transversais, e a Barra, desde o Porto até o Cristo, principalmente ao longo da Orla. Há certa oferta de serviços de bares, saunas, alguns espaços de *pegação*, uma boate e certa fixação residencial. Nestes espaços convivem e se encontram populações de classe média e alta, em busca de diversão e moradia de qualidade. Aqui, as populações marginalizadas são menos visíveis. Os gays e lésbicas aqui apresentam elevado poder aquisitivo e acesso a bens de consumo. O custo de vida também é maior e o valor dos imóveis é cerca de duas vezes mais caro em relação à região do Dois de Julho.

⁴⁹ Felipe, um professor universitário e cinéfilo, com mais de 50 anos, chegou a comentar que o vendedor dos filmes também seria “do babado”. Em um dos contatos com o vendedor, o mesmo afirmou ser possível encomendar outros filmes de temática homoerótica ou pornográfica, pois ele possuía um vasto acervo pessoal, que poderia ser fonte de consulta para cópias.

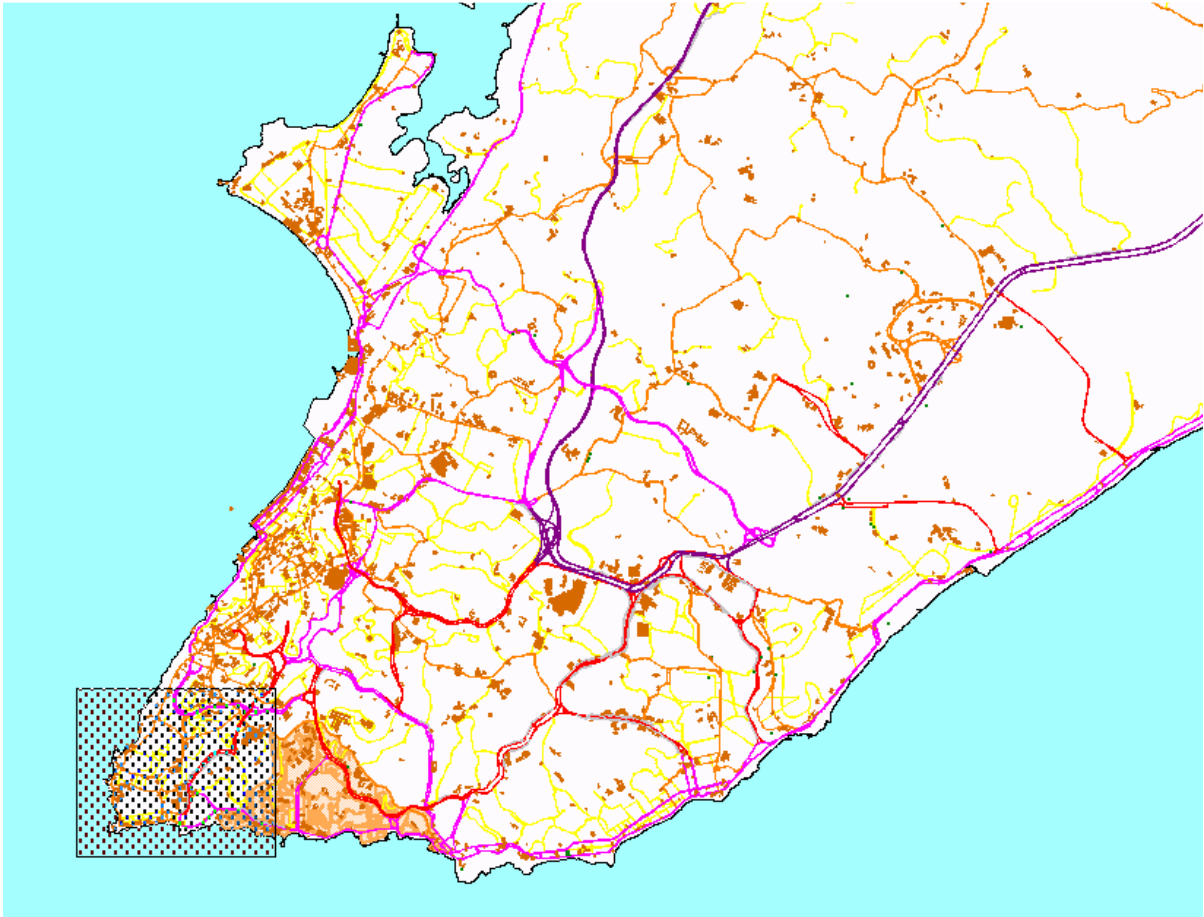


FIGURA 6: MANCHA BARRA – GRAÇA

c) Mancha Orla – Boca do Rio

A mancha da Boca do Rio, também chamada de Mancha Orla, é conhecida pela sua ligação com os serviços da praia dos Artistas.

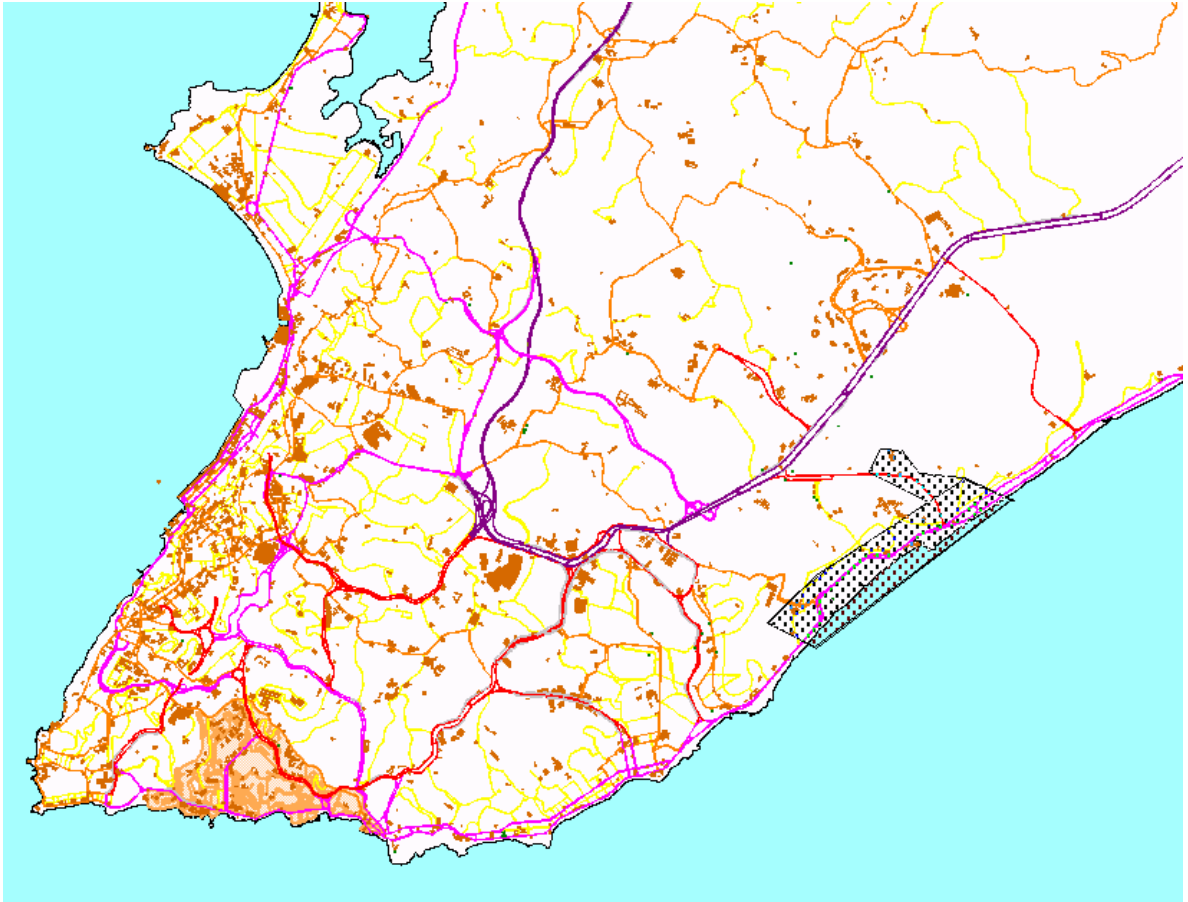


FIGURA 7: MANCHA ORLA

Embora a apropriação desta praia por gays seja muito antiga, desde os anos 1970, apenas nos anos 1990 esta região ganhou seus primeiros bares freqüentados por homossexuais após o final do dia. Atualmente, pode-se ver que é uma mancha consolidada pela longevidade da praia e pela crescente abertura de bares e outros serviços na região. Há, atualmente, uma sauna e um bar freqüentados nesta região.

5. Considerações Finais

Pudemos perceber neste estudo que as manchas não são apenas aglomerados de territórios isolados. No interior de uma mancha, há contigüidade espacial e uma lógica de funcionamento e complementaridade entre os serviços que cria uma unidade interna e explica a existência destas manchas, como já discutido anteriormente.

A lógica que parece orientar a freqüência a um desses territórios está ligada a fatores como a assunção da própria sexualidade e a vulnerabilidade ao preconceito. Para alguns, não há problema em ser visto em locais gls e ser identificado como homossexual. Para outros, como o já citado entrevistado Ricardo, é mais importante que o lugar seja o mais discreto possível, sem símbolos. Em lugares onde o preconceito é mais violento ou para pessoas que ainda estão no armário e têm problemas com a própria sexualidade, lugares discretos e, se possível, isolados e fechados são ideais. Para isso, a fala de alguns dos freqüentadores do Originally anteriormente citados, serviu para explicitar a importância dos locais fechados. Ao contrário do que pensávamos, esta tendência a preferir os locais fechados não está restrita às mulheres. Na verdade, a necessidade de locais fechados está muito mais relacionada ao medo da revelação da própria sexualidade e o medo da violência. As pessoas que não querem ser expostas tendem a preferir locais fechados, independentemente da classe social, do gênero. Apesar disso, os homens são mais visíveis pela própria performance de gênero. A sexualidade do macho brasileiro está voltada para a rua. Às mulheres resta o ambiente doméstico. Esta teoria explicaria por que os homens assumem publicamente e até exercitam sua sexualidade. Mas não parece adequada para explicar este dado aqui encontrado.

Para nossos entrevistados, a preferência por locais fechados só é justificada pelos que ainda não assumiram. Mesmo entre os não assumidos que freqüentam locais abertamente gays e conhecidos, como a *Off* ou a *Praia dos Artistas*, a freqüência a estes locais é adicionada a tentativa de não ser visto chegando. Léo, 22 anos, estudante vindo do Interior, não costuma nem mesmo parar nos bares na porta da *Off* para cumprimentar os amigos: *“não quero ser visto lá. Isso já causou até saia justa entre amigos, por que não parei para cumprimentá-los. Mas realmente*

não abro mão disso. Minha família é conservadora e não aceitaria. Não quero correr o risco. Lá dentro fico mais calmo e à vontade. O ambiente é escuro e não corro tanto o risco de ser visto". Também não podemos esquecer a preferência das travestis pelos cinemas eróticos como base física para o exercício da prostituição. Como já explicitado antes, elas precisam de segurança para se prostituírem e os cinema – locais fechados – durante o dia servem para evitar o contato com um público maior e se proteger da violência.

Algo que nos parece bastante claro nesta pesquisa é o deslocamento do eixo de diversão do público de maior poder aquisitivo para a Orla, cada vez mais distante do Centro. Até a década de 90, o público de maior poder aquisitivo estava ligado ao Centro-Beco. Nesta época, a Boate Mix Ozone estava localizada no 2 de Julho. Em 1999, com a abertura da Off Club na Barra, e depois o fechamento da Mix, o público de maior poder aquisitivo se deslocou para esta região. Atualmente, na região da Off, há duas saunas e bares que atendem ao público gls. Mas neste último ano de pesquisa, pudemos constatar uma popularização não apenas do público, mas também do comércio na região. Há cerca de um ano, surgiu uma barraca que vende, durante a madrugada, cachorro quente e churrasco no espeto. Há mais ou menos um mês⁵⁰, um novo vendedor de cachorro quente surgiu para concorrer com o anterior. A explicação para este fenômeno é a necessidade de os freqüentadores matarem a fome durante a madrugada, após a boate. O que nos ocorre é que, se o público estivesse consumindo no interior dos bares e boates onde freqüentam, estas opções não teriam razão de existir. Acontece que, para muitos, o lanche nos bares e boates é caro, o que explica o sucesso comemorado por um destes vendedores: *"ah, para mim, está bom. Para quem vende de madrugada, o que eu tiro aqui é muito superior ao que muitos tiram durante o dia"*⁵¹. De acordo com este vendedor, os comerciantes ainda não se manifestaram, mas é possível ver que, a creperia ao lado da boate, que costumava ficar cheia no final da madrugada, já não mais fica aberta até tão tarde. O surgimento deste comércio informal é um dos estágios que mais indicam a popularização de determinadas áreas. Ambulantes surgem e, como praticam preços menores do que os bares, tomam parte do comércio formal associado aos locais, enfraquecendo a economia dos lugares e atraindo um público

⁵⁰ A data a que o comentário se refere é relativa ao mês de maio de 2007

⁵¹ Cláudio, 45 anos, vendedor de cachorro quente

que, mesmo não consumindo no interior dos bares, se satisfazem com o oferecido na porta e desfrutam do mesmo jeito da diversão. Foi visível a invasão do Beco dos Artista, nos últimos três anos, por comerciantes informais. Logo após, o Beco da Off, como é conhecida a Rua Dias D'Ávila, foi se tornando mais popular entre a classe média que ainda freqüentava o Beco dos Artistas. Atualmente, é o Beco da Off que parece estar, junto com a própria Boate, sofrendo concorrência e vendo seu público mais rico se deslocar para mais longe do seu eixo. No caso, este público mais rico está indo em direção ao Rio Vermelho, para o desfrute do Boomerangue como boate e do Babalootim como bar e ponto de encontro, no caso dos mais jovens. Os mais velhos, na faixa dos 30-60 anos ainda preferem a Barra, se alojando no Bar Da Vinci.

Atualmente, a Off está fechada e ficará em reforma durante dois meses (entre julho e setembro de 2007). Ficamos em expectativa para a sua abertura, já que entre funcionários o comentário é que a casa será ampliada e reformulada por dentro. Como será a primeira reforma da casa desde o início das observações para esta pesquisa, em outubro de 2004, nos interessa ver a configuração do circuito de diversão noturna de gays de classe média e alta em Salvador. Com a chegada das casas Babalootim e Boomerangue, que atraem a fatia mais rica do público da Off, gostaríamos de ver o impacto da reforma e o desenvolvimento em torno do que parece ser a nova mancha, surgida no Rio Vermelho. Mas, como ocorre há décadas com outros segmentos da população de classe média, o eixo de atividades se desloca cada vez mais distante do Centro Antigo de Salvador. A moradia e a diversão estão cada vez mais deslocados em direção à Orla Atlântica.

Algumas questões teóricas orientaram a nossa pesquisa e gostaríamos de comentá-las. A principal delas questionava a existência de um gueto homossexual tal como descrito por Wirth. Ao longo das nossas observações, pudemos ver que, embora algumas das características básicas descritas por este autor para a formação de um gueto como a concentração residencial e a área de serviços institucionais estivessem presentes, a principal dessas características, no entender deste estudo, não se mostra presente. Falta isolamento e fechamento na maior parte dos territórios. Quando há um uso exclusivo de alguma região da cidade, como no caso do Beco dos Artistas, este uso é apenas temporário e restrito ao uso noturno.

De qualquer forma, este uso não é acompanhado de moradia de homossexuais neste território. Dessa forma, não pudemos constatar uma guetificação de áreas desta cidade em todas as regiões pesquisadas. Embora o conceito de gueto, na sua concepção clássica não possa ser utilizado, ainda podemos utilizá-lo com ressalvas. De acordo com Wirth, o gueto é a área da cidade, ocupada majoritariamente por uma população segregada e encerra algumas características básicas: isolamento, instituições comunitárias, concentração habitacional e área cultural. O gueto homossexual de Salvador é uma região de usos múltiplos, com ocupação residencial esparsa e sem tendência ao fechamento. E como se tratam de regiões de múltiplos usos, essas regiões abragem populações diversas, que se utilizam dos bens e serviços de modo múltiplo. De acordo com este pensamento, os guetos se confundiriam com as grandes manchas. Para nós o diferencial do conceito de gueto, além do seu valor histórico, é o valor dado a uma base territorial específica. As manchas são ligadas às atividades desenvolvidas em um tempo, como por exemplo, ao longo da manhã ou da tarde. Para o gueto, nos parece que, além do tempo, as atividades estão localizadas no espaço.

De acordo com este raciocínio, pode-se concluir que, apesar de ocorrerem simultaneamente, as atividades nas Manchas Barra e Centro são diferentes. Uma mancha está para a vida na Orla, com seus passeios na praia, para o turismo e para a identidade gay moderno-internacional. No Centro, a vida está muito ligada a uma identidade ligada à memória da cidade. É no Centro onde ocorrem shows de música, onde estão localizados os principais teatros, onde ocorre a Parada Gay, no mesmo trajeto do Carnaval e das Marchas da Independência do Brasil e da Bahia.

Como descrito no tópico referente à Mancha Orla, podemos ver que a identidade gay moderna e urbana convive tranquilamente com traços da identidade local. Traços fortes da identidade homossexual são apropriados e ressignificados a partir da experiência soteropolitana. Na praia, no Carnaval, na Parada Gay, em todas estas situações, a identidade local é reforçada e se mantém presente através da música. Em locais gays, música de boates divide o mesmo espaço com o reggae, o pagode, o axé e o samba-reggae, ritmos que compõem a base musical e artística baiana, dando um novo significado à experiência de ser homossexual nesta cidade.

Apesar de os homossexuais terem trajetos específicos de circulação diferentes, não podemos atribuir apenas à identidade homossexual um papel preponderante na escolha de padrões de circulação e consumo. Os fatores que mais contribuem neste aspecto dizem respeito à classe do indivíduo e ao grau de assunção da própria identidade homossexual. Depois de aceitar a própria orientação sexual, mesmo que não a exponha a outros, o indivíduo, caso possa pagar por serviços diferenciados, passa a buscá-los, para dar suporte a uma vida que assume. Não é o desejo homossexual e sim a aceitação da própria condição que liberta o indivíduo para buscar outras alternativas de vivência da cidade. A partir daí, ele escolhe se deseja estar em locais segmentados ou não. Mesmo que sua família não saiba e deseje freqüentar, ele descobrirá mecanismos para estar em bares e boates sem ser descoberto.

A partir do já exposto, podemos tirar novas conclusões e fazer outras observações. Para esta pesquisa, os homossexuais que vão às manchas são aqueles que assumem a ideologia da identidade homossexual. Estes casam a prática homoerótica com a identidade homossexual e a afirmação desta identidade na utilização do espaço público. A utilização do espaço público na expressão pública da sexualidade está ligada a dois grupos específicos:

a) os homossexuais militantes, que assumem a prática homossexual e afirmam-na na sua interação com os espaços urbanos, ocupando espaços com o intuito de “quebrar barreiras”;

b) os homossexuais mais pobres, que se sentem oprimidos pela vizinhança, pela família e pelos pares mais próximos que não desejam afirmação do desejo homossexual nas redondezas da moradia.

Diante do espaço urbano, estes dois grupos saem às ruas afirmando o desejo homossexual por dois motivos específicos: o primeiro é pela opção política e pessoal de não negação do desejo. O segundo motivo é mais freqüente para o segundo grupo: pela óbvia necessidade de encontrar parceiros sexuais. Ambos os grupos não estão imunes a sentimentos de insegurança, mesmo nas redondezas dos espaços identificados com a ideologia gay.

Em três momentos pudemos observar conflitos explícito entre gays e heterossexuais. Em dois destes momentos, gays que identificaram casais heterossexuais nas imediações do Beco dos Artistas se disseram heterofóbicos, em tom de piada. Em uma terceira situação, pude observar, durante o Carnaval, que um rapaz, após se despedir do seu amante com um beijo, fora intimidado por outro rapaz da mesma idade, sob os gritos de que “ali não era lugar de sem-vergonhice”.

Outra observação a ser feita é a respeito da estrutura social de classe. As diferenças de classe estão presentes também entre os grupos minoritários e, entre os homossexuais não é diferente. Na verdade, quando, neste trabalho, se pensou em observar a exclusão dos homossexuais do acesso a bens coletivos urbanos, a exemplo de equipamentos de lazer nas redondezas da habitação ou um padrão de deslocamento diferenciado em função da sua opção sexual, constituindo-se assim um gueto, pensava-se, de certa forma, numa “unidade comunitária”, independente da classe social e da etnia dos entrevistados. O que pudemos observar é, na verdade, contrário a estas proposições. Os verdadeiros “excluídos” entre os homossexuais são, em sua maioria, os excluídos do acesso a bens de consumo: os pobres que, no caso de Salvador, são maioria negra. Os minoritários ricos se constituem como um grupo socialmente privilegiado, com acesso a bens de consumo não disponíveis a outras camadas sociais, independentemente de pertencerem ou não a população homossexual.

É importante notar isso, pois nega uma tendência que há, em diversas partes do mundo, dos meios de comunicação mostrarem os homossexuais como um grupo social mais rico. É interessante notar como esta idéia tem surgido em muitas partes do mundo, principalmente aquelas onde há serviços de comunicação bem desenvolvidos e maior abertura econômica. É inegável que, por conta de maiores conquistas sociais, a visibilidade dos homossexuais tenha crescido, porém, isto não necessariamente indica maior poder aquisitivo.

O crescimento, em todo o mundo, de um possível mercado que tem os grupos homossexuais como seu foco principal pode indicar a construção de um novo sujeito, fruto das novas vivências dos indivíduos. Isto é algo típico das regiões onde o grau de urbanização é mais intenso. Geralmente é nas cidades onde novos padrões de consumo surgem e são mais freqüentemente usados como uma

expressão da personalidade. Ao mesmo tempo, verifica-se o crescimento o número de homossexuais organizados em grupos de ativismo e defesa de direitos relativos à expressão de sua sexualidade.

Sobre a identidade gay e performance de gênero, podemos afirmar que, embora a identidade homossexual masculina faça parte de uma constituição identitária não hegemônica em relação à masculinidade hegemônica heterossexual, em relação às mulheres a masculinidade gay ainda se beneficia de alguns privilégios conferidos aos homens. Além disso, a masculinidade gay não é a única masculinidade não hegemônica. Entre homens heterossexuais, a performance de gênero se constitui de forma diferente em relação ao padrão hegemônico.

De acordo com o estudo de Mott citado no primeiro capítulo, a “cena gay” de Salvador contaria com 9 bares e boates, 7 saunas e 3 cinemas (de sexo). O autor listou também 12 ruas e monumentos históricos, além de 6 praias. Hoje, encontramos a seguinte realidade: 2 cinemas de sexo, 5 praias, 7 saunas, 16 ruas e monumentos e 15 bares boates. Estes números indicam um crescimento numérico de algumas das atividades. Para nos, é importante observar que, embora numericamente as atividades tenham aumentado, especialmente, à exceção dos equipamentos na região do Rio Vermelho, a configuração dos espaços homossexuais não mudou de forma significativa. As mudanças dizem mais respeito à dinâmica interna de funcionamento das manchas do que a um alargamento do tamanho do raio de influencia das mesmas.

Gostaríamos de comentar também que, embora grande parte das atividades e locais aqui listados sejam de natureza pública, a influência pública nestes locais se dá de forma direta apenas nas ações formais comuns da atividade das esferas de governo. O Poder Municipal arrecada impostos, ordena (ou deveria ordenar) e fiscaliza as atividades. Também é papel do Estado coibir práticas ilícitas tais como atividades conflituosas em locais inadequados.

O que acontece, porém, é que a atuação do Estado na vida dos cidadãos homossexuais se dá pouco em função de uma ação específica dirigida a estes indivíduos. Ainda não há, pelo menos no âmbito da administração municipal de Salvador, uma política de ação que contemple os pleitos deste grupo. As políticas

são dirigidas ao público geral e, por consequência, atingem o público homossexual, apesar da luta organizada de grupos de defesa dos direitos civis dos homossexuais reivindicar, por exemplo, o tombamento de áreas historicamente ocupadas por homossexuais.

Com estas reflexões, encerra-se este trabalho, com o interesse de voltar ao tema em outros momentos, para o aprofundamento das discussões aqui apresentadas e o refinamento das idéias.

Bibliografia

BAILEY, Robert W. *Gay Politics, Urban Politics*. Nova York: Columbia University Press, 1999

BRITO, Cristóvão. Revisitando o conceito de território. *RDE. Revista de desenvolvimento econômico*, Salvador-BA, n. 6, p. 12-20, 2002

CASTELLS, M. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983

_____. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e terra, 1999

CONNELL, R.W. *Masculinities*. Cambridge: Polity Press, 2003.

FELDMAN, S. As segregações espaciais da prostituição feminina em São Paulo. *Revista Espaço e Debates*, São Paulo, v. 28, p. 59-66, 1990.

MACRAE, Edward. Em Defesa do Gueto. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 1, p. 53-60, abr. 83

MAGNANI, J. GUILHERME C. e TORRES, LILIAN (org.). - *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo, Edusp, 2000

MOTT, L. R. B. *A Cena Gay em Salvador em Tempos de Aids..* Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia/Ministério da Saúde, 2000. 150 p.

_____. *Cinco Cartas de Amor de Um Sodomita Português do Século XVII*. **RESGATE**, v. 1, p. 82-99, 1990.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. *Damas de Paus: O jogo aberto das travestis no espelho da mulher*. Salvador: CEUFBA, 1994

PARK, Robert E. 1916. "The City: Suggestions for the investigation of human behavior in the urban environment". *American Journal of Sociology*, XX. (tradução brasileira: 1967. "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento

humano no meio urbano". In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

PERLONGHER, Nestor. "O ghetto e a boca: territorialidade homossexual". In Espaço e Debates. nº 17, São Paulo.

_____. O Negócio do Michê. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SAMPAIO, A. H. L. Formas Urbanas: Cidade-Real & Cidade-Ideal. 1. ed. Salvador: Quarteto, 1999.

SANTOS, M; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). Território, globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec; Anpur, 1994.

SIMMEL, Georg. 1971 [1903]. "The metropolis and mental life". (tradução brasileira 1967. "A Metrópole e a Vida Mental". In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.

WEBER, M. Conceito e Categorias da Cidade in VELHO, O.(org.) O. Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar. [:72-96].

WIRTH, Louis. 1938. "Urbanism as a way of life". (tradução brasileira 1967. "O urbanismo como modo de vida". In: VELHO, Otávio G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar.